

RA

REVISTA
ADVENTISTA



A Obra do Senhor e as Obras da Lei

11

REFLEXÃO

Maratona cristã

14

ATUALIDADE

É a guerra
israelo-
-palestina
o começo
do fim?

37

CRESCER
NA GRAÇA

O concerto
de Deus com
o Seu povo

PUBLICADORA SERVIR
FEVEREIRO 2024
N. 921 | ANO 85



"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **José Lagoa**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL **revista.adventista@pservir.pt**

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **António Carvalho**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

**Cafileisa – Soluções Gráficas, Lda.
Venda do Pinheiro**

TIRAGEM **4900 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NA ERC
DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

fevereiro

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	[5]	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
[25]	[26]	27	28	29	1	2

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2-4 FORMAÇÃO SAL

9-13 GERAÇÃO ADVENTISTA EM MISSÃO (GAM)

16-18 ENCONTRO NACIONAL DE DELEGADOS DA ADRA

23-25 ENCONTRO NACIONAL DE SECRETÁRIOS

24 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE CENTRO A

26 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/1-2/2 ASSOCIAÇÃO DA MOLDOVA (ROU)

5-9 ASSOCIAÇÃO BÁVARA (SGU)

12-16 CASA PUBLICADORA EDIZIONI ADV (ITU)

19-23 UNIÃO FRANCO-BELGA (FBU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[5] SEGUNDA-FEIRA

[26] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[25] DOMINGO

março

D	S	T	Q	Q	S	S
25	26	27	28	29	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	[11]	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31	1	2	3	4	5	6

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

2 DIA INTERNACIONAL DE ORAÇÃO DA MULHER

2 UNITALKS NORTE

2 e 3 ENCONTRO NACIONAL DE LÍDERES JA

9-16 SEMANA DE ORAÇÃO JA

16 DIA GLOBAL DA JUVENTUDE

23 COLÓQUIO DE MORDOMIA – RE CENTRO B

24 FORMAÇÃO SAL

25 VIGÍLIA NACIONAL DE ORAÇÃO (ZOOM)

28-31 CAMPOREE NACIONAL JA

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

26/2-1/3 UNIÃO CHECOSLOVACA (CSU)

4-8 UNIÃO ITALIANA (ITU)

11-15 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO SUL (ROU)

18-22 SEMANA DE ORAÇÃO JA (EUD)

25-29 ASSOCIAÇÃO ESLOVACA (CSU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[11] SEGUNDA-FEIRA

[FH] RTP2 ENTRE AS **15:00** E AS **15:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **22:47**

[C] RTP2 ENTRE AS **17:00** E AS **17:30** | **ANTENA 1** A PARTIR DAS **06:00**

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

Índice

04

EDITORIAL

**A nossa
responsabilidade
missionária**

05

TEOLOGIA

**A obra do Senhor
e as obras da Lei**

*Como compreender a
expressão “obras da lei”?
Qual a sua relação com o
Decálogo?*

11

REFLEXÃO

Maratona cristã

*A necessidade absoluta de
mantermos o foco na nossa
carreira cristã.*

14

ATUALIDADE

**É a guerra israelo-
-palestiniana o
começo do fim?**

*Uma interpretação bíblica
equivocada do conflito
israelo-palestiniano.*

20

MISSÃO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

Uma luz nas trevas

*Conselhos para que a sua
família seja uma luz nas
trevas.*

24

OLHA O QUE EU VI

No autocarro

A importância da empatia.

27

GRAVADO NA PEDRA

**O intrigante ossário
associado a Caifás**

*A confirmação arqueológica
da existência histórica
do sumo-sacerdote que
condenou Jesus à morte.*

32

JORNADAS DE FÉ

Noemi Duran Royo

*A experiência e o ministério
de uma Bióloga Criacionista.*

37

CRESCER NA GRAÇA

**O concerto de Deus com
o Seu povo (Parte I)**

*Uma análise do conceito
que estrutura a nossa
relação com Deus.*

42

HERÓIS DA BÍBLIA

Samuel

*Fica a conhecer um dos mais
importantes líderes de Israel.*

45

ESPÍRITO DE PROFECIA

**150 anos de
Adventismo oficial
na Europa: John N.
Andrews (Parte II)**

*A experiência do primeiro
missionário Adventista.*

46

NOTÍCIAS NACIONAIS





EDITORIAL

Pr. José Lagoa

Presidente da UPASD

A nossa responsabilidade missionária

Na Palavra de Deus somos lembrados da poderosa comissão dada por Jesus em Atos 1:8 (ARA): “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” Estas palavras ressoam com uma urgência especial no coração de cada Adventista, agora mais do que nunca. “Cristo declarou que a influência divina do Espírito deveria estar com os Seus seguidores até ao fim. Desde o dia do Pentecostes até hoje, o Consolador tem sido enviado a todos os que se entregam inteiramente ao Senhor e ao Seu serviço.”¹

O desafio da unidade ecoa através das eras, destacando-se como um pilar essencial na missão cristã. Jerusalém, Judeia, Samaria e os confins da Terra representam uma visão abrangente da nossa responsabilidade missionária. Como Igreja e como indivíduos, somos chamados a ir além dos limites familiares e locais, estendendo a luz da verdade aos confins da Terra.

A missão é a essência da Igreja. É a nossa resposta ao amor sacrificial de Cristo por nós. Cada ato de compaixão, cada palavra de esperança, cada esforço para aliviar o sofrimento reflete a comissão que recebemos. Num mundo carente de significado e de esperança, a nossa missão é mais vital do que nunca.

No entanto, sabemos que enfrentamos desafios. O mundo ao nosso redor pode pa-

recer caótico e dividido, mas “vivemos no tempo do poder do Espírito Santo”.² O Espírito Santo, o nosso Guia divino, é a Fonte de poder que nos capacita. Ele é o Selo da nossa missão. Unidos por Ele, somos fortalecidos para superar todas as adversidades e proclamar a mensagem de esperança e salvação. “O Espírito Santo tem de operar no coração humano, tomando as coisas de Deus e revelando-as aos homens.”³

Nos dias atuais, quando as forças da divisão buscam minar os nossos esforços, a unidade na missão é a nossa resposta. Precisamos de nos lembrar de que a comissão de Cristo é para todos nós. Juntos, como um corpo unido, podemos fazer uma diferença eterna.

Ao nos dedicarmos a esta missão, conscientes da importância do Espírito Santo, seremos verdadeiramente testemunhas de Cristo. Que este novo período da nossa jornada seja marcado pela dedicação renovada à missão, pela busca constante da unidade e pela dependência do Espírito Santo.

Unidos na missão, impulsionados pelo Espírito, somos chamados a brilhar num mundo que anseia pela luz do amor de Deus.

Quer deixar-se conduzir por Jesus e aceitar o desafio que Ele tem para si?

1
Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 36, ed. P. SerVir.

2
Ellen G. White, *Southern Watchman*, 3 de novembro de 1903.

3
Ellen G. White, *Southern Watchman*, 5 de setembro de 1905.

A obra do Senhor e as obras da Lei

As duas expressões parecem semelhantes e há um paralelo concetual, semântico e teológico. No entanto, as duas expressões são muito diferentes, e essa diferença deve ser compreendida.



Kim Papaioannou
Pastor

Retirado da revista
Ministry de junho de
2023.

A expressão “obras da Lei” é uma expressão paulina em Gálatas e Romanos que descreve um sistema mediante o qual alguns crentes estavam a tentar obter a justificação.¹ O que são as obras da Lei? Paulo não explica. Hoje, a expressão é quase universalmente compreendida como referindo-se à obediência à Lei de Deus e/ou a um compromisso com a realização de outras boas obras tendo em vista a salvação. Isto é visto na *New International Version* de 1984, que traduz a expressão em causa como “observar a lei” (Gálatas 2:16).

Como é que esta compreensão da expressão surgiu?

A Reforma

A Reforma Protestante começou com Martinho Lutero, em 1517. Durante os doze anos anteriores, ele tinha sido um monge agostiniano, devotando-se ao jejum, a longas horas de oração, a peregrinações e à confissão frequente.² A sua ordem monástica prescrevia como comportar-se, andar ou viajar; tinha injunções sobre não olhar para pessoas do sexo oposto; impunha regras sobre que roupa vestir e como cuidar dessa roupa; prescrevia o cuidado pelos doentes; e exigia obediência aos superiores.³

Através de tais atos, Lutero procurou ganhar o favor de Deus e a salvação, mas, em vez disso, achou-se espiritualmente miserável e alienado de Cristo.⁴

Quando compreendeu que a salvação era um dom imerecido de Deus dado através de Jesus, ele justapôs a sua nova compreensão à sua anterior vida de obediência regimentada e estrita. Portanto, como compreendia a doutrina

na da justificação pela fé como sendo a doutrina da fé *versus* a obediência, ele projetou este modelo nos escritos de Paulo, fazendo com que “as obras da Lei” equivalessem à estrita obediência à Lei, enquanto a “justificação pela fé” refletia a salvação como um dom. Ao assim fazer, deixou um legado às futuras gerações de Protestantes.

Há alguma legitimidade na compreensão de Lutero. Uma pessoa não pode ganhar a salvação através da obediência, por mais estrita que seja essa obediência. Mas era isto que Paulo tinha em mente quando contrastou as obras da Lei com a graça de Jesus? Creio que não.

Neste curto estudo, vamos ver dois tipos de obras: as “obras do Senhor” e as “obras da Lei”. As duas expressões parecem semelhantes e há um paralelo concetual, semântico e teológico. No entanto, as duas expressões são muito diferentes, e essa diferença deve ser compreendida.

As obras do Senhor

Estamos cerca do ano 1455 a.C.. Os filhos de Israel tinham deixado o Egito e acampado diante do Monte Sinai. Deus convidou-os a entrarem numa relação de aliança com Ele (Êxodo 19:1-6).

A Aliança continha dois elementos. Primeiro, Israel foi chamado a obedecer às palavras de Deus – os Dez Mandamentos (Êxodo 20:1-17) – e, depois, a aplicar os princípios dos mandamentos à vida quotidiana (Êxodo 21-23). Por três vezes, Israel prometeu assim fazer (Êxodo 19:8; 24:3, 7).

Depois, porque Israel era composto de seres humanos pecadores e



A grande obra
do Senhor é
o sacrifício
de Jesus na
Cruz, a maior
obra que este
mundo já
testemunhou!

Deus era santo e sem pecado, foram oferecidos sacrifícios animais e Moisés aspergiu Israel com o sangue (Êxodo 24:4-7). Este sangue foi chamado “o sangue da aliança” (v. 8). Os sacrifícios eram parte das mais antigas alianças do antigo Próximo Oriente e indicavam a penalidade que cairia sobre aqueles que infringissem a aliança.

A promessa de obediência e o sangue da Aliança colocaram Israel numa relação de aliança com Deus. No entanto, pouco mais de 40 dias passaram, e – ao fazer e adorar um bezerro de ouro e ao entregar-se à imoralidade sexual (Êxodo 32) – Israel quebrou a Aliança de um modo hediondo.

Deus, então, declarou que a Aliança tinha sido quebrada e que Israel já não era o Seu povo (Êxodo 32:7, 10; 33:1). Eles mereciam a sentença de morte, em linha com a punição prefigurada no sacrifício dos bezerros (Êxodo 32:10, 27, 33-35; 33:5). Deus propôs então erigir uma nação a partir de Moisés, que também quebrou as tábuas do testemunho, indicando assim que a Aliança já não vigorava (Êxodo 32:19). Seria este o fim de Israel como povo de Deus?

Não! Moisés interveio em favor de Israel e implorou a Deus que perdoasse o povo. Deus aquiesceu. Parece que Ele estava à espera de que Moisés fizesse isto. Ele declarou ser “misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoo a iniquidade e a transgressão e o pecado” (Êxodo 34:6 e 7).

Depois, Ele fez esta promessa espantosa: “Eis que faço um concerto; farei diante de todo o teu povo maravilhas que nunca foram feitas em toda a terra, nem entre gente alguma; de maneira que todo este povo, em cujo meio tu estás, veja a *obra do Senhor*; porque coisa terrível é o que faço contigo” (Êxodo 34:10; *italico acrescentado*). Aqui, Deus promete fazer uma “obra” terrível, uma obra que o povo verá.

A que obra está Deus a referir-Se? Ao sacrifício de Jesus na Cruz – a maior manifestação do caráter misericordioso de Deus e a resposta aos falhanços repetidos de Israel e da Humanidade.

Foi assim que o apóstolo Paulo compreendeu a “obra do Senhor”. Ao pregar numa sinagoga da Galácia,

depois de ter dito que em Cristo há a oferta de perdão dos pecados (Atos 13:38 e 39), ele avisa a sua audiência para não negligenciar esta obra:

“Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra nos vossos dias, obra tal que não creereis, se alguém vo-la contar” (Atos 13:41).

Sim, a grande obra do Senhor é o sacrifício de Jesus na Cruz, a maior obra que este mundo já testemunhou!

As obras da Lei

E quanto às “obras da Lei” que Paulo menciona? O que são?

Elas são obras. Começemos por analisar a palavra “obras”. Esta palavra implica algo que se faz. Os requisitos estritos da ordem monástica agostiniana podem ter parecido a Lutero como ajustando-se à descrição das “obras da Lei”, mas os Dez Mandamentos não se ajustam. Porquê? Oito dos dez mandamentos são proibitivos; eles não nos dizem o que fazer, mas sim o que não fazer. Isto significa que a expressão “obras da Lei” não pode referir-se à obediência aos Dez Mandamentos. Estabelecer essa equivalência seria um erro.

Elas são algo no Pentateuco. Quando um leitor moderno ouve a palavra “lei”, a sua mente entende que se trata de uma referência a um código legal; de uma perspectiva cristã, a escolha óbvia para essa referência é os Dez Mandamentos, o mais importante código legal bíblico. Mas tal compreensão é errada, porque estamos a usar uma compreensão moderna de uma palavra para interpretar um texto antigo. Para os Judeus

e para os Cristãos do primeiro século, a Lei era a *Torah*, o *Pentateuco*, os primeiros cinco livros da Bíblia: de Génesis a Deuterónimo. Isto é um conhecimento comum nos círculos teológicos.

Leiamos Gálatas 2:16 de novo, com esta simples compreensão em mente: “Sabendo que o homem não é justificado pelas *obras do Pentateuco*, mas pela fé em Jesus Cristo, temos, também, crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas *obras do Pentateuco*; porquanto, pelas *obras do Pentateuco*, nenhuma carne será justificada” (Gálatas 2:16; os itálicos indicam uma tradução ajustada pelo autor).

Soa de modo diferente, não é? A minha tradução é um reflexo muito mais preciso daquilo que os leitores de Paulo teriam compreendido do que as traduções portuguesas contemporâneas.

Elas eram uma tentativa de justificação. Vejamos de novo Gálatas 2:16. Por três vezes Paulo usa a palavra “justificado”. O que significa esta palavra?

É melhor que deixemos Paulo responder a esta questão: “Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este [Jesus] se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela Lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê” (Atos 13:38 e 39). Note como, neste texto, o perdão e a justificação aparecem lado a lado. “Perdão” é um termo teológico que implica que os pecados de uma pessoa foram perdoados. “Justificação” é um termo legal e implica que uma pessoa acusada no tribunal foi absolvida. Porquê? O crime foi, de algum modo, cancelado!



Portanto, perdão e justificação descrevem a mesma coisa – uma palavra do ponto de vista teológico e a outra do ponto de vista judicial.

Assim, como era o perdão oferecido no *Pentateuco*? Não através da obediência aos Dez Mandamentos ou da obediência a qualquer outro documento legislativo. Ele era oferecida mediante os sacrifícios.

Michael Rodkinson, um especialista em escritos rabínicos, declarou: “Sempre que ao longo da *Mishna* as expressões culpado (*Hayabh*) ou livre (*Patur*) são usadas, o significado de ‘culpado’ é que o transgressor que agiu sem intenção deve trazer a oferta pelo pecado prescrita pela Lei [o *Pentateuco*].”

E ainda: “A penalidade pela primeira classe de infrações era simplesmente o sacrifício de uma oferta pelo pecado, que, no entanto, envolvia muitas dificuldades, dado que o culpado tinha de trazer a oferta pelo pecado ao templo em Jerusalém em pessoa e era frequentemente compelido a viajar uma grande distância para o fazer, para além de ter de suportar a perda do valor da oferta.”⁵

Os Judeus do primeiro século sabiam que, se se quisesse obter perdão

e justificação, não se tratava de se esforçar um pouco mais ou de procurar guardar a Lei de modo mais estrito, como fez Lutero; em vez disso, tratava-se de se oferecer um sacrifício pelo pecado. Então, poderá ser que as “obras do *Pentateuco*”, cujo fim era o de oferecer perdão e justificação, são os sacrifícios prescritos no *Pentateuco*? Certamente assim parece. Eles são prescritos no *Pentateuco*; envolvem obras; e o seu objetivo é a obtenção do perdão.

Vejamus uma última prova desta tese.

A palavra “obras” no Pentateuco. Quando se tenta encontrar o significado de algo, o senso comum sugere que se comece com aquilo que é óbvio. Quando ouvimos a expressão “obras do *Pentateuco*”, o lugar mais óbvio para se encontrar o seu significado será o *Pentateuco*. Infelizmente, a maior parte dos teólogos não se preocupa em procurar ali. Caso eles o tivessem feito, a má compreensão que envolve esta frase provavelmente nunca teria surgido!

A palavra “obra/obras” (no grego do NT, *ergon/erga*) surge 149 vezes na *Torah*. Um pouco mais de metade dessas vezes refere-se quer a obras humanas seculares quer aos poderosos atos de Deus

que, no entanto, não estão relacionados com o perdão e a justificação.

Mais importante do que isso, a palavra nunca aparece em relação com a guarda dos Dez Mandamentos ou de qualquer outro código legal.

Mas, mais importante do que tudo, o termo “obra/obras” aparece 70 vezes em relação com o tabernáculo e com os seus serviços, sacrifícios incluídos. De facto, todo o serviço do tabernáculo é designado “a obra do tabernáculo” (Números 3:7). Era no tabernáculo que a expiação do pecado humano era realizada. Portanto, as obras do *Pentateuco* que visam o perdão e a justificação, e contra as quais Paulo avisa, eram os sacrifícios e as outras obras realizadas no templo/tabernáculo, não a obediência aos Dez Mandamentos ou a qualquer outro código legal bíblico.

Conclusão

Baseando-nos na informação partilhada, podemos retraduzir e parafrasear Gálatas 2:16 do seguinte modo: “Sabemos que uma pessoa não pode ser perdoada e justificada pelas obras prescritas no *Pentateuco*, nomeadamente pelo serviço do santuário, mas pela fé no sacrifício de Jesus Cristo, sendo que nós cremos em Cristo Jesus, para que possamos ser perdoados e justificados pela fé em Cristo e não pelas obras prescritas no *Pentateuco*; pois pelas obras do *Pentateuco* nenhuma carne será perdoada e justificada” (Gálatas 2:16, tradução ajustada pelo autor).⁶

Lutero tinha razão. A obediência humana não pode apagar os pecados passados e não pode salvar. Nisto, ele estava certo. Mas estava errado ao usar as

suas circunstâncias pessoais como prisão para compreender Paulo. Ao assim fazer, ele deixou um legado hermenêutico que, eventualmente, floresceu nas diferentes variações do antinomismo cristão sobre graça *versus* obediência.

Não, Paulo não estava a dizer aos Cristãos gálatas para pararem de guardar os mandamentos, para pararem de o fazer de modo tão árduo ou para pararem de fazer boas ações. A mensagem de Paulo não diz respeito aos mandamentos ou às boas ações. Ele estava a dizer aos Gálatas que o templo e os seus serviços, o sistema sacrificial, já não tinham qualquer uso no Plano da Salvação.

As ineficazes “obras da Lei” que não podem limpar o pecado humano foram substituídas pela espantosa e eficaz “obra do Senhor”. Aleluia!

1 Romanos 3:20, 27 e 28; Gálatas 2:16; 3:2, 5, 10.

2 Roland Bainton, *Here I Stand: A Life of Martin Luther* (New York, NY: Penguin, 1995): 40-42.

3 “Rule of St. Augustine”, *Midwest Augustinians*, acedido em 19 de junho de 2022: <https://www.midwestaugustinians.org/roots-of-augustinian-spirituality#ch1>.

4 James Kittelson, *Luther, the Reformer* (Minneapolis, MN: Augsburg Fortress, 1986), 79.

5 Michael L. Rodkinson, ed. and trans., *The Babylonian Talmud*, bk 1 (Boston, MA: Talmud Pub., 1903), XXII, XXVI.

6 Uma nota em Gálatas 3:10, que parece ligar as “obras da Lei” à obediência: “Todos aqueles, pois, que são das obras da lei, estão debaixo

da maldição, porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las.” Neste texto, Paulo sublinha a impossibilidade da salvação sem Cristo. Uma pessoa sem Cristo pode estar num de dois estados. Primeiro, ela pode “permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las”, isto é, ser sem pecado. Ou, caso ela falhe em “permanecer em todas as coisas”, infringiu a Lei. Portanto, é uma pecadora, pelo que está sob a maldição. Dado que as “obras da Lei”, enquanto sacrifícios, não podem perdoar pecados, a maldição permanece. Impecabilidade ou maldição – estes são os dois únicos estados possíveis sem Cristo. E dado que nenhuma pessoa é sem pecado, exceto Jesus (Romanos 3:23), a maldição do pecado permanece sobre todos os que recusam Cristo. A única realidade que pode retirar a maldição do pecado é o sacrifício de Jesus, a espantosa “obra do Senhor”.

Maratona cristã

“Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prémio? Correi, de tal maneira que o alcanceis” (I Coríntios 9:24).

A emoção estava no ar quando milhares de pessoas de toda a Grécia e de fora dela se dirigiam avidamente para os grandes Jogos Ístmicos, realizados a cada dois anos perto da antiga cidade de Corinto.



Ted N. C. Wilson
Presidente da Conferência Geral

Na primavera de 51 d.C., o apóstolo Paulo estava em Corinto há já alguns meses, a pregar e a conhecer pessoas, entre as quais Priscila e Áquila, casal que passou a fazer parte dos seus colaboradores, e que era fabricante de tendas. O fabrico de tendas era um excelente negócio, especialmente durante o período dos grandes festivais desportivos, pois “o ar da primavera era frio o suficiente para requerer abrigo; e as frequentes chuvas e rajadas de vento violentas que sopram na região ístmica tornavam esses abrigos imperativos” para os muitos visitan-

tes que se reuniam na área para esse importante evento (Oscar Broneer, “The Apostle Paul and the Isthmian Games”, *The Biblical Archaeologist*, fevereiro de 1962, p. 20). Paulo e os seus amigos tinham muitos clientes e, por meio do seu trabalho, não só ofereciam abrigo, mas também aproveitavam a oportunidade para partilhar o Evangelho.

Os jogos eram uma grande atração e, sem dúvida, o apóstolo ouviu falar muito sobre eles. Talvez tenha, inclusive, comparecido nalguma celebração desses jogos. Ele teria, então, visto a incrível dedicação dos atletas, que faziam tudo para alcançar um único objetivo: vencer!

Mais tarde, ele usou esta ilustração ao escrever à igreja de Corinto: “Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prémio? Correi, de tal maneira que o alcanceis” (I Coríntios 9:24). Aqui, o apóstolo refere-se à corrida cristã. Ele continua: “E, todo aquele que luta, de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível” (v. 25).

Foco completo

Os atletas sérios dedicam muito tempo a praticar a sua modalidade e a preparar-se para competir. São cuidadosos, organizados e treinam com um objetivo em mente: vencer. Isto requer foco, determinação e disciplina.

Se já participou numa corrida, sabe que não deve sequer olhar para trás. Se fizer isso para perceber onde estão os concorrentes, perderá segun-

dos preciosos que poderão conduzi-lo à derrota. O único objetivo é alcançar a linha de chegada. Não é possível qualquer distração.

Paulo ressaltou que, nos Jogos Ístmicos, havia apenas um vencedor em cada evento. Não havia segundo ou terceiro lugares. Apenas o vencedor recebia o prémio. E acrescentou: “Eles o fazem, para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível” (v. 25).

De facto, o vencedor recebia uma coroa de louros em torno da cabeça, era levado para a sua cidade de origem e homenageado com um portão aberto na muralha da cidade, o qual recebia o seu nome. O atleta vencedor recebia grandes honrarias, mas isso era temporário. Quanto tempo dura uma coroa de louros? Apenas alguns dias. Alguns anos depois, as pessoas olhavam para o portão da cidade e perguntavam-se: “Quem é esta pessoa que recebeu tal honra?”

Neste mundo, as realizações são temporárias. Mas nós estamos numa corrida cujo resultado é eterno. Como Paulo escreveu em Filipenses 3:14: “Prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.”

Deus está a chamar cada um de nós para fazer parte da missão de alcançar o mundo para Ele. O Senhor não quer que nos distraiamos de forma alguma. E a beleza da corrida cristã é que todos podem ser vencedores, em Jesus. Aos nos concentrarmos nesta corrida, prosseguimos em direção à coroa imortal, símbolo da salvação em Cristo.

Recompensa celestial

Não será maravilhoso quando chegarmos ao Céu? Haverá um número incontável de pessoas lá e, pela graça de Deus, estaremos ali também. Cristo dedicará algum tempo para nos coroar com uma coroa imortal! Ela não envelhecerá. No entanto, vamos pegar nessas coroas e colocá-las aos pés de Jesus, dizendo: “Não foi difícil chegar ao Céu.” Por outras palavras, o que deixamos por sermos seguidores de Jesus foi insignificante, porque, por meio da Sua graça e do Seu sangue, Jesus deu-nos salvação e vida eterna. Que oportunidade maravilhosa temos de expressar a Cristo a nossa gratidão, correndo a maratona cristã sem nos distrairmos.

Paulo continuou, dizendo em I Coríntios 9:26: “Eu assim corro, não a coisa incerta.” Ou seja, não corremos sem rumo ou objetivo. “Não como batendo no ar”, disse ele, referindo-se aos lutadores dos Jogos Ístmicos. Eles não só não esmurravam o ar, mas faziam tudo valer a pena. Concluindo a passagem no versículo 27, Paulo escreveu: “Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha, de alguma maneira, a ficar reprovado.” Irmãos e irmãs, não deixem, de maneira nenhuma, o diabo distrair-vos na maratona que estão a correr!

O apóstolo João explicou bem o propósito de partilhar a esperança que temos, quando escreveu: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho, Jesus Cristo” (I João 1:3).

Está totalmente envolvido na missão? Diante do chamado de Cristo, respondeu: “Sim, Senhor, eu vou!”? “Vou experimentar o reavivamento e a reforma.” “Vou participar num projeto de missão urbana.” “Vou envolver-me num ministério de saúde integral.” “Vou empenhar-me num serviço comunitário.” “Vou distribuir o livro *O Grande Conflito*.” Não deixe que nada o distraia da oportunidade de permitir que Deus trabalhe por seu intermédio.

Unidade na missão

Ellen G. White escreveu: “Trabalhe-mos com ardor em favor da união. Oremos e trabalhemos para alcançá-la. [...] Crucifiquemos o eu; consideremos os outros superiores a nós; e assim realizaremos a unidade em Cristo” (*Testemunhos para a Igreja*, CPB, 2021, p. 146). Não permita que o diabo promova a desunião na sua família, no seu local de trabalho ou na sua igreja. Esconda o seu eu em Jesus. Deixe que o seu foco esteja n’Ele e no objetivo que Ele tem. Deus está a chamar cada um de nós à unidade, enquanto avançamos em direção ao alvo, o objetivo da soberana vocação em Jesus Cristo.

Deus quer usá-lo de maneira poderosa e surpreendente enquanto partilha esta mensagem. Mantenha os seus olhos em Jesus e nunca se esqueça das Escrituras Sagradas. Não ignore a instrução do Espírito de Profecia. Nunca negligencie a oração pessoal. Seja ativo em proclamar aos outros a verdade que liberta, a mensagem que fez de si quem é: um Adventista do Sétimo Dia que espera, ansioso, pelo regresso de Jesus!

—
Ryan Stanton
*Aluno de Doutorado em
Media e Comunicação*

*Artigo adaptado de
ST Network.*

É a guerra israelo-palestinaiana o começo do fim?

No sábado de manhã, 7 de outubro de 2023, o último de vários importantes dias feriados judeus, desencadeou-se o caos, quando o Hamas – o grupo terrorista islâmico que governa a Faixa de Gaza – começou a lançar milhares de mísseis contra o Sul de Israel. Simultaneamente, os militantes do Hamas saíram do território palestino e começaram a invadir Israel, usando motas, barcos, carrinhas e parapentes, assassinando alguns civis e levando outros como reféns. Por outras palavras, o conflito não começou com o ataque do Hamas a localizações estratégicas do exército israelita, mas, sim, com crimes de guerra inimagináveis. Às 11:30h, o Primeiro-Ministro israelita, Benjamin

Netanyahu, anunciou publicamente: “Israel está em guerra.”

Pouco depois, as forças israelitas retaliaram com uma contraofensiva designada “Operação Espadas de Ferro”. A 9 de outubro, o exército israelita impôs um bloqueio à Faixa de Gaza, cortando o acesso à eletricidade, aos alimentos e à água. Mais de 1200 Israelitas e mais de 23 000 Palestinos já morreram por causa deste conflito.

As imagens e os vídeos que foram colocados *online* são horríveis: uma jovem mãe, com duas filhas pequenas, levada como refém; jovens massacrados quando frequentavam um festival musical para celebrar a paz; civis cobertos de sangue com as mãos amarra-



O velho conflito israelo-palestino voltou a atingir um ponto de ebulição, com a crescente escalada da violência e da agressão entre o Hamas e Israel.

das atrás das costas; e relatos sobre bebês e crianças que foram chacinados.

Esta violência e esta perda de vidas não são apenas um potencial sinal preocupante de escalada no conflito – são uma tragédia! Infelizmente, este não é um conflito que os Cristãos tenham tentado consistentemente resolver. Há um movimento conhecido como “Sionismo Cristão” (ou “Sionismo Evangélico”) que tem trabalhado para promover a soberania da nação de Israel e para defender o direito desta à terra que os Palestinos reclamam como sua. Este será, não há dúvida, um tópico de conversa durante muitos meses. Entretanto, algumas figuras públicas notáveis têm expressado o seu apoio a Israel,

enquanto outras agitam a bandeira palestina.

Grande parte do confronto internacional resulta do modo como os soldados israelitas tratam os Palestinos, especialmente aqueles que vivem na Cisjordânia. A Cisjordânia é hoje administrada por Israel, sob um acordo instável com a Organização de Libertação da Palestina (OLP). No entanto, nem sempre foi assim. Anexada pela Jordânia depois da Guerra Árabe-Israelita de 1948, permaneceu território jordano até 1967, quando foi ocupada por forças israelitas na Guerra dos Seis Dias. Isto levou a uma crescente simpatia para com os Estados Árabes e, em particular, para com o povo palestino que vive tanto na Cisjordânia, como na Faixa de Gaza.

Graças aos protestos em favor da “libertação da Palestina” ao redor do mundo, a comunidade global tem mantido os seus olhos no Médio Oriente já há algum tempo. O diálogo entre aqueles que apoiam Israel e aqueles que veem a Cisjordânia como território palestino ocupado nem sempre tem sido civilizado. Basicamente, o conflito opõe os Palestinos, que habitam na região há séculos (desde que ocorreu a dissolução e a diáspora da nação israelita), e os Israelitas, que fundaram um verdadeiro Estado judaico em 1948, depois dos horrores da II Guerra Mundial. Tanto os Judeus como os Palestinos reivindicam a região como a sua pátria, pelo que se desenvolveu uma hostilidade étnica entre os dois grupos, levando a um inevitável conflito.

Mas, pondo de parte, por um momento, esta situação complicada, focemo-nos no modo como o Sionismo Cristão, especialmente promovido pelos Evangélicos nos Estados Unidos da América, surge no conflito em curso no Médio Oriente.

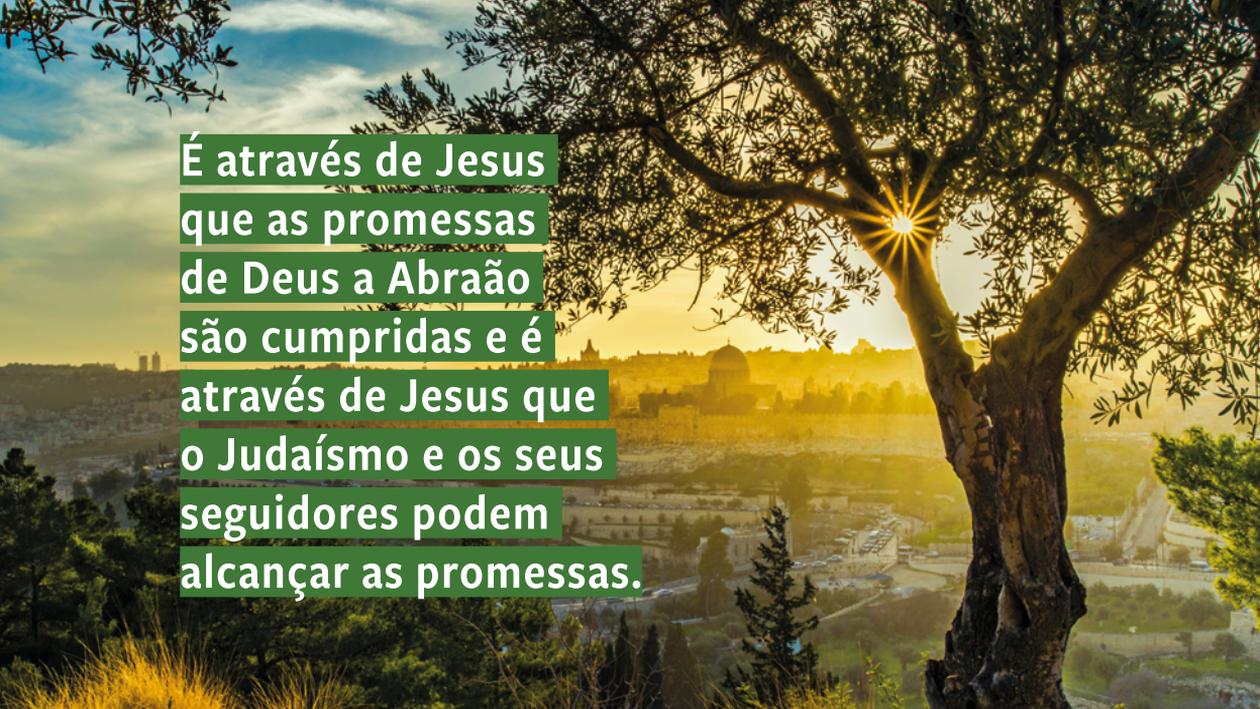
O Sionismo já não é apenas uma questão para Judeus. Walker Robins, do *Schusterman Center for Israel Stu-*

Cristãos ao redor do mundo baseiam o seu apoio a Israel numa interpretação específica da Bíblia. Mas essa interpretação estará correta?

dies, escreveu: “Tal como demonstrou o anúncio do (ex-)Presidente Trump, em dezembro de 2018, sobre a transferência da embaixada americana para Jerusalém, a relação do Cristianismo americano com Israel é mais do que apenas um tema de curiosidade indolente – é um tema com consequências reais.” Do mesmo modo, Daniel Hummel, colaborador do *Ash Center*, faz notar que o movimento cristão sionista está cada vez mais globalizado, não estando já ligado especificamente ao Cristianismo americano. Cristãos ao redor do mundo baseiam o seu apoio a Israel numa interpretação específica da Bíblia. Mas essa interpretação estará correta?

Considerando as consequências reais que se manifestam atualmente na região, é agora mais importante do que nunca que a nossa discussão deste tema seja baseada numa teologia correta e numa interpretação genuína da Bíblia. Neste artigo, vamos examinar algumas das interpretações sionistas cristãs, para percebermos qual é a verdade neste caso. O que este artigo *não* fará é realizar uma avaliação sobre o estatuto de Israel enquanto nação ou sobre quem é o possuidor de direito daquela terra tão disputada. Este artigo também *não* pretende apoiar o governo israelita, o Hamas ou a OLP. Queremos que haja uma solução pacífica para o problema e um fim para a escalada da violência. No entanto, também entendemos que a situação é extremamente complicada, arrastando-se historicamente há décadas e sem haver à vista um caminho fácil para a sua resolução num futuro próximo. Não há dúvida de que a lei in-





É através de Jesus que as promessas de Deus a Abraão são cumpridas e é através de Jesus que o Judaísmo e os seus seguidores podem alcançar as promessas.

ternacional olhará desfavoravelmente tanto para Tel Aviv como para Gaza, no futuro.

A Terra Prometida de Deus

Algumas das passagens-chave usadas no pensamento cristão sionista procedem do início de Gênesis, quando Deus prometeu a Abraão e aos seus descendentes a terra que agora constitui Israel e a Palestina. Um versículo importante é Gênesis 12:7, que declara: “Apareceu o Senhor a Abrão e lhe disse: Darei à tua descendência esta terra.” Os Cristãos que creem na soberania divina da nação judaica indicam este versículo, fazendo uma interpretação literal desta promessa sobre a entrega da terra prometida à descendência de Abraão desde aquela data até à época presente. Eles sustentam que, mesmo depois de Jesus ter vindo e ter criado uma Nova Aliança com a Humanidade, esta promessa permanece válida. Mas é isso que o versículo realmente significa?

Não, não é! Pelo menos segundo Paulo. Em Gálatas 3:16, Paulo escreve: “Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua posteridade. Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua posteridade, que é Cristo.” Se compreendemos corretamente Paulo, esta promessa nunca foi especificamente sobre a promessa da terra ao povo judeu, mas a Jesus, que serve como Cumpridor das promessas. É através de Jesus que as promessas de Deus a Abraão são cumpridas e é através de Jesus que o Judaísmo e os seus seguidores podem alcançar as promessas. Deste modo, o versículo não é sobre um pedaço específico de terra, mas sobre todo o mundo, que está sob o domínio de Jesus.

Outro aspecto-chave do Sionismo Cristão é a crença de que a nação de Israel existe como “Relógio de Deus” e de que ela deve ser reunida na Terra Prometida antes da Segunda Vinda. John

Hagee, fundador do grupo “Cristãos Unidos em Favor de Israel”, resume isto do seguinte modo: “Deus tem um tempo determinado para fazer tudo, e Israel é o Relógio Profético que determina quando o fazer. Reconheça isto: O relógio de Deus só se move quando o povo judeu está na terra de Israel e, quando eles estão naquela terra, o relógio começa o seu tique-taque.”

Esta crença está baseada num par de passagens. A primeira é Romanos 11:25-27, que também é de Paulo. Nela diz-se: “O endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacob as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados.” O escrito que este versículo cita é uma passagem do profeta Jeremias, sendo que este também escreveu: “Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jeremias 31:33).

Quando são combinados, alguns Sionistas Cristãos declaram que estes versículos se referem ao atual Estado de Israel como realização destas profecias – a nação de Israel é um cumprimento da profecia de Jeremias e esta nação terá um papel importante na Segunda Vinda de Jesus. Esta perspectiva apoia-se ainda em Apocalipse 11, que, supostamente, descreve um número selecionado de Judeus que se convertem ao Cristianismo no fim dos

tempos. Para os crentes nesta retórica, os versículos que mencionei descrevem uma pré-condição necessária para o regresso de Jesus: a nação de Israel regressará à terra que lhe foi prometida, acontecimento que será seguido pela conversão de alguns dos Judeus ali instalados – sendo que, depois disso, Jesus regressará.

Não só esta interpretação se apoia, mais uma vez, numa compreensão literal da promessa da terra feita a Israel (que já vimos ser, na verdade, uma referência a Jesus), mas ela também corre o risco de interpretar incorretamente a relação entre Israel e o Judaísmo, por um lado, e o Cristianismo, por outro. Os versículos citados pelos Sionistas retratam a nação judaica como sendo distinta do Cristianismo e tendo um distinto percurso para a salvação. Isto não só corre o risco de “alienar” o Judaísmo de um modo potencialmente antissemita, mas diminui a importância do Judaísmo no estabelecimento da fé cristã e da Igreja Primitiva.

Uma metáfora comum para o povo judeu na Bíblia é a metáfora da oliveira. Nos versículos que precedem Romanos 11:25-27, Paulo usa esta metáfora para abordar a relação entre o Judaísmo e o Cristianismo, comparando o Cristianismo com um ramo enxertado na oliveira: “E, se alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles, e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriasses, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti” (Romanos 11:17 e 18). A mensagem aqui é clara: o Cristianismo não poderia ter existido

sem o Judaísmo. Devemos reconhecer e respeitar a fé dos nossos predecessores, ainda que alguns deles possam ter, desde então, divergido da fé. Ataques contra o Judaísmo ou ideias antissemitas não devem ser tolerados, tal como Paulo explica depois. Em vez de vermos Israel como um “relógio” para acelerar a Segunda Vinda, devemos compreender o papel-chave que o Judaísmo tem em muitos aspetos da fé cristã.

Finalmente, há perigo em se tentar interpretar a profecia de modo tão específico através de acontecimentos modernos. Quando se fala sobre a Segunda Vinda, está escrito que o regresso de Jesus será “como um ladrão de noite” e que “ninguém sabe o dia ou a hora”. O que contrasta bastante com a ideia de que Israel é um relógio que ajuda a prever o regresso de Jesus.

Podemos ver através dos exemplos dados que o Sionismo Cristão

não é apoiado por uma leitura exegética da Bíblia (uma leitura que examina criticamente o contexto e o significado dos versículos). Dito isto, não é porque a crença sionista cristã não tem o apoio bíblico que se pode justificar o antissemitismo ou a perseguição ao povo judeu. Mas também não se valida a pretensão israelita à posse da terra santa e de Jerusalém.

O que esta questão sublinha é a complexidade da situação. À medida que a violência e a perturbação continuam a ocorrer em Israel, é importante compreender que não podemos entender a situação através de uma simples interpretação de versículos bíblicos. A situação exige empatia e compreensão em favor daqueles que estão a debater-se com o problema. Não podemos esperar que surja uma solução simples ou que a Bíblia forneça uma solução política.



A situação exige empatia e compreensão em favor daqueles que estão a debater-se com o problema.

Uma luz nas trevas

“Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. Porque, eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti” (Isaiás 60:1 e 2).



Daniel Bastos

*Diretor do Departamento dos
Ministérios da Família*

Desde que ouvi esta passagem numa cerimónia de conclusão de curso, nunca deixei de a ver como designando a missão de cada crente e da Igreja no mundo no qual vivemos hoje. Aplicar-se-ia também este apelo às famílias?

Brilhamos quando refletimos a glória do Senhor em nós, que contrasta com as trevas que cobrem a Terra. No que consiste esta glória? Moisés pediu para a ver e o Senhor mostrou-lhe a Sua bondade e a Sua misericórdia (Êxodo 33:18 e 19), manifestações do Seu carácter de amor (I João 4:8). As trevas terrestres, por oposição, bem podem ser expressas pelo egoísmo e pelas obras da carne (II Timóteo 3:1-5; Gálatas 5:19-21). Que aplicação poderá, então, esta ideia ter no lar? Ellen G. White responde: “Se os lares dos que se dizem Cristãos tivessem um modelo religioso correto, exerceriam uma poderosa influência para o bem. Seriam, na verdade, ‘a luz do mundo’.” – *O Lar Cristão*, p. 32, ed. P. SerVir, 2019.

Como, então, se caracteriza esse modelo religioso correto? Deixemos que ela explique:

1. Ensinar, desde cedo, o serviço em favor do outro.

“Quando a nossa própria casa for o que deve ser, não deixaremos que os nossos filhos cresçam na ociosidade e na indiferença para com as solicitações de Deus em favor dos necessitados que os rodeiam. Como herança do Senhor, estarão habilitados para empreender a obra onde estão. De lares assim resplandecerá uma luz que se revelará a favor dos ignorantes, levando-os à fonte de todo o conhecimento. Será exercida

uma influência poderosa em prol de Deus e da Sua verdade.” – *O Lar Cristão*, pp. 32 e 33, ed. P. SerVir, 2019.

2. Palavras animadoras e sorriso alegre.

“Precisamos de mais pais radiantes e de mais Cristãos radiantes. Estamos demasiado fechados em nós mesmos. As palavras bondosas e animadoras, o sorriso alegre, são, demasiadas vezes, retidos dos nossos filhos e dos oprimidos e desanimados.” – *O Lar Cristão*, p. 33, ed. P. SerVir, 2019.

3. Bondade e cortesia, o amor na prática.

“De todo o lar cristão deve resplandecer uma santa luz. O amor deve revelar-se nas ações. Deve irradiar de cada relação doméstica, mostrando-se através de uma profunda bondade, de uma cortesia amável, abnegada.” – *O Lar Cristão*, p. 33, ed. P. SerVir, 2019.

O resultado de lares assim, onde o serviço abnegado, a alegria e o amor reinam, traduz-se em lares bem ordenados, que, por sua vez, se constituem num argumento que não pode ser refutado pelo incrédulo e num “poderoso argumento em favor da realidade cristã”. Ao criar o primeiro casal, ao chamar homens como Noé ou Abraão (Gênesis 12:1-3), Deus deixou clara a Sua intenção de usar famílias para iluminar e abençoar a Terra. Como poderá a sua família ser, então, uma luz nas trevas? Queremos deixar-lhe aqui dez sugestões:

1. **Consagração individual.** Queremos, muitas vezes, reformar a nossa família, esquecendo que a

reforma começa sempre por nós próprios. Jesus disse que Se santificava a Si próprio para que os Seus discípulos fossem santificados na verdade (João 17:19). Caia aos pés de Cristo e entregue-se primeiro completamente a Ele.

2. **Espiritualidade na família.** Com bondade e determinação, (re)construa o altar da família. Os momentos de culto familiar devem ser diários, como no santuário, de manhã e à tarde. Devem também ser adequados, tendo em conta a idade dos mais novos. Devem ser curtos e interessantes. Na Área Departamental da Família (Departamentos da Família, Criança e Mulher) já existe algum material para o ajudar, mas é importante saber que estão a ser preparados mais recursos para o efeito. Lembre-se ainda de que a espiritualidade não se resume ao culto familiar. Engloba tudo o que se faz. Manifesta-se em atos de bondade, abnegação e alegria, como já referimos.
3. **Espírito de serviço.** É no lar que se formam os verdadeiros missionários. Quando toda a família está envolvida no serviço doméstico, no serviço para aliviar o sofrimento e as cargas do outro (e o outro pode ser um membro da família, ou alguém alheio ao lar, que precisa de ajuda), então forma-se uma cultura de serviço que será tremendamente útil e apreciada também na igreja e na Comunidade. Viagens missionárias e envolvimento em projetos de ajuda local são apenas alguns exemplos

de como podemos promover este espírito. Tudo começa em casa.

4. **Interação com vizinhos.** Numa Sociedade individualista como a nossa, é comum nem sequer se conhecer o nome dos vizinhos que já vivem perto de nós há anos. Seja proativo, interesse-se por eles, aproveite qualquer oportunidade para uma curta conversa e, se se aperceber de algum problema, ofereça-se para ajudar ou orar. Partilhe algo feito por si: um pão, uma compota, frutas do quintal ou qualquer outra coisa que possa ser apreciada. A minha sogra especializou-se em fabricar uns cestinhos em crochê que levam meio sabonete e que, depois, se prestam para dar cheiro nas gavetas de roupa. Em ocasiões como o Natal ou a Páscoa, esses pequenos gestos são ainda mais bem recebidos.
5. **Apoio a outras famílias.** Na vizinhança e entre os nossos conhecidos (incluindo a igreja), por vezes identificamos famílias que precisam de ajuda especial. Seja essa ajuda a nível material ou a nível de orientação e aconselhamento, podemos tomar um caso assim e fazer o que podemos ou reencaminhá-lo quando necessário. O Departamento de Família está a criar uma rede de terapeutas familiares voluntários para socorrer famílias em crise.
6. **Pequeno Grupo familiar.** Porque não convidar amigos e famílias não-Adventistas para um Pequeno Grupo na nossa casa? Basta uma hora semanal! Entre aqueles com quem temos mais afinidade haverá sempre alguém pronto a vir...

Surpresas, um bom sentido de humor, muitas palavras de apoio e encorajamento, momentos de lazer e recreação regulares são ingredientes de uma vida que se quer alegre!



“Esperança e Saúde na Família” e outros materiais disponíveis para Pequenos Grupos poderão proporcionar momentos de grande crescimento espiritual para todos.

7. **Encontro de casais.** A partir deste ano, irão ter lugar, de forma mais regular, alguns encontros de casais. Serão encontros regionais de fim de semana num hotel. Pense em participar com o seu cônjuge e, depois de participar, comece a orar por um casal que também poderia beneficiar dessa experiência no ano seguinte.
8. **Adotar alguém sem família.** Nas nossas igrejas há muitos que não têm o privilégio de viver em família. Pode ser um jovem estudante deslocado, um adulto solteiro, um idoso viúvo... Porque não adotar alguém assim e convidá-lo amiúde para uma refeição, para passar o Natal, para um pequeno passeio?

9. **Tornar a vida mais simples.** Queixamo-nos todos com a falta de tempo, mas porque não fazer uma análise profunda da nossa vida para a poder simplificar e excluir dela tudo o que seja superficial e desnecessário, de forma a termos mais tempo para os outros?
10. **Alegria, muita alegria!** Tornar a nossa vida doméstica tão feliz quanto possível é um bom desafio. Surpresas, um bom sentido de humor, muitas palavras de apoio e encorajamento, momentos de lazer e recreação regulares são ingredientes de uma vida que se quer alegre!

A família de Áquila e Priscila brilha no Novo Testamento pelo seu papel de apoio e suporte à missão, à Causa de Cristo. Eles trabalharam, viveram e viajaram com Paulo (Atos 18; Romanos 16:3; I Coríntios 1:19). E a sua família? Também será uma luz nas trevas neste ano de 2024?



RádioRCS
91.2 fm



[radiorcs.novotempo.pt/
podcasts/olha-o-que-eu-vi](http://radiorcs.novotempo.pt/podcasts/olha-o-que-eu-vi)

No autocarro

Olá, eu sou a Ana, e OLHA O QUE EU VI...

Neste inverno, tem havido dias bastante rigorosos, de frio e chuva. E para quem anda de transportes públicos, como eu, às vezes é complicado o tempo estar assim. Ainda há umas semanas, num dos dias mais chuvosos que tivemos, ia apanhar um autocarro em direção ao trabalho. Ora, ainda por cima, os autocarros, na minha zona, andam um caos. Já passei horas à espera de alguns. E, naquele dia, foi mais um desses dias fatídicos de uma longa espera pelo autocarro. O certo é que, com o passar das horas, rapidamente a paragem se encheu de pessoas, todas elas com o mesmo objetivo, à espera que o autocarro aparecesse. Finalmente, chegou o dito autocarro e, como era de esperar, toda a gente quis entrar apressadamente, até porque ninguém tinha a certeza se depois daquele viria

outro. Consegui um lugarzinho, bem lá no fundo do autocarro, ao lado de um senhor com uma interessante história de vida. Sim, ele contou-me algumas peripécias, mas isso fica para outro dia. Resumindo, logo na primeira paragem já não havia lugares para sentar, o que fez com que todos aqueles que entrassem depois, nas paragens seguintes, tivessem de ir em pé, segurando-se nos locais apropriados para tal. Mas, aqueles lugares que não dão segurança nenhuma quando te agarras.

Numa das paragens seguintes, ainda eu estava longe da minha saída, entrou no autocarro uma senhora que aparentava ter oitenta e muitos anos. Parecia simpática, mas a pobre vinha carregada com sacos de compras, tinha o casaco todo encharcado pelo temporal que se fazia sentir lá fora e, para pio-

rar as coisas, não havia lugar para ela se sentar. Ou seja, aquela humilde senhora, diante daquele cenário, teria de ir em pé, juntamente com muitas outras pessoas. Esta senhora velhinha seria mais uma que iria desconfortavelmente colada a outras pessoas. Sabes qual foi o meu primeiro pensamento? Naquele momento eu pensei em ceder o meu lugar àquela senhora, mas, antes mesmo que ela se aproximasse do lugar onde eu estava sentada, um senhor, na casa dos quarenta anos, que estava sentado perto de mim, e que, curiosamente, estava também na paragem onde eu entrei, levantou-se, sorriu para a velhinha, e deu-lhe o seu lugar, dizendo apenas: “Força.” A senhora ganhou o dia ali. Se o rosto dela, ao entrar no autocarro, já aparentava ser simpático, naquele momento, então, ela ficou com um sorriso de orelha a orelha. Sentou-se naquele lugar, colocou os seus saquinhos no chão perto dela e apenas esboçou um cansado, mas feliz, “obrigada”. E o mais peculiar é que o agradecimento nem sequer foi escutado pelo homem, devido a todo o ruído que havia no autocarro. Ele nem viu o sorriso da senhora, porque ficou de costas para ela. Nos momentos que se seguiram, pus-me a observar o senhor que tinha realizado a boa ação. E olha o que eu vi! Vi nele um ar cansado e vi também que, pela roupa que trazia vestida, vinha de trabalhar numa fábrica ou num armazém. Vi ainda que estava todo molhado pela chuva, o que demonstrava que, da mesma forma que eu, estive bastante tempo à espera do autocarro. Eu não sei se te acontece a mesma coisa, mas, às vezes, no meio do ruído e dos afazeres

do dia-a-dia, parece quase impossível conseguir estar atenta àquilo que me rodeia. Mas, ainda assim, naquele momento, consegui abstrair-me de tudo ao meu redor e pôr-me a pensar no que tinha acabado de ver.

E sabes, consegui fazer duas reflexões. A primeira tem a ver com a atitude daquele homem face à situação da senhora. A segunda, obviamente, tem a ver com a reação da senhora face à atitude do senhor. Por outras palavras, chamou-me a atenção a empatia daquele senhor para com a velhinha e a alegria e a gratidão desta ao ver que, afinal, já ia poder sentar-se e ter o seu merecido descanso. Naquele momento ocorreram-me algumas perguntas, mas a que mais ecoava na minha cabeça era: Afinal, o que tinha eu acabado de ver? Uma boa ação, sem dúvida, mas o que levou aquele homem a agir daquela maneira? No meio dos meus pensamentos surgiu uma palavra: empatia. O que é, na realidade, a empatia? Não pude deixar de ver no Dicionário o significado da palavra. As definições diziam que “a empatia é uma forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia, ou uma coisa”. Trocando por miúdos e explicando de uma forma mais prática, a empatia é a faculdade de compreender emocionalmente o outro, de nos conseguirmos identificar com as pessoas ao nosso redor, partilhar os seus sentimentos, as suas motivações, e até mesmo as suas convicções. E sabes, aquele senhor, sem dúvida alguma, compreendeu os sentimentos daquela senhora. Colocou-se no seu lugar e, mesmo estando

cansado e tendo os seus problemas, deixou-a sentar-se no seu assento. E, na realidade, o que nos levou aos dois a termos exatamente a mesma ideia de ceder o nosso lugar à senhora foi sentirmos empatia para com ela por causa da situação em que ela se encontrava. Mas, queres saber? Antes de a senhora chegar ao lugar onde estava sentado aquele homem, ela passou por várias pessoas que estavam sentadas nos lugares da frente. Nós estávamos mesmo no fundo do autocarro. E o mais triste da situação é que nenhuma daquelas pessoas lhe cedeu o lugar. Nenhuma se importou. Penso até que ninguém olhou para ela. Ninguém empatizou com ela. E isto faz-me agora pensar que, muitas vezes, nós deixamos de fazer algo pelo nosso próximo, isto é, por aqueles que estão à nossa volta e que mais precisam de ajuda, simplesmente porque não olhamos para eles.

O que me parte o coração é que, ao observar as pessoas que estavam nos lugares da frente, vi que a grande maioria estava agarrada ao seu *smartphone*. Possivelmente, a ouvir música ou a consultar as redes sociais ou até mesmo a trabalhar. Mas cada uma estava no seu mundo. Felizmente, aquele homem estava atento às necessidades da pobre senhora. E foi precisamente a sua empatia que despertou a gratidão. E, sabes, a gratidão é, sem dúvida alguma, como diz Shakespeare, *o tesouro dos humildes*. Sermos gratos produz uma felicidade tão grande, que dinheiro algum a pode comprar. A empatia daquele senhor despertou esse sentimento naquela velhinha. Ela ficou feliz e muito agradecida. É que,

Um dos principais motivos para a gratidão é, sem dúvida, a empatia. Respeitarmos o outro. Damos ao outro segundo a sua dignidade como ser humano.

se pensarmos bem, a gratidão é sempre reativa e só existe em resposta a um ato prévio. Há sempre uma razão anterior que te faz agradecer. Ninguém agradece sem motivo. Há pessoas que agradecem mesmo pelas coisas más, porque lhes servem de aprendizagem.

Mas o ponto é: há sempre um motivo; sendo que o importante, nesta vida, é colecionarmos motivos. E um dos principais motivos para a gratidão é, sem dúvida, a empatia. Calçarmos os sapatos dos outros, como nós dizemos popularmente. Respeitarmos o outro. Damos ao outro segundo a sua dignidade como ser humano. A empatia permite isso. Já viste por onde algo que, aparentemente, era sem importância me fez viajar sem sair do autocarro? Foi isto que eu vi ao olhar para aquelas duas pessoas. Depois de tudo isto, carreguei no botão para sair do autocarro. Já ele ia mais vazio. Agradei ao motorista por me abrir a porta e ele acenou pelo retrovisor e, com um sorriso, disse: “Ora essa, menina!” Vês, a empatia e a gratidão andam sempre de mãos dadas. Foi assim mais um dia nos transportes públicos.

E foi isto que eu vi. Até à próxima!



Marcos Osório
Arqueólogo



RádioRCS
91.2 fm



radiorcs.novotempo.pt
[/podcasts/gravado-na-pedra](https://podcasts/gravado-na-pedra)



GRAVADO NA PEDRA

O intrigante ossário associado a Caifás

Em 1990, uma caverna usada como antiga tumba familiar foi descoberta, acidentalmente, por operários de construção, a sul da cidade velha de Jerusalém. Os arqueólogos foram chamados ao local e encontraram quatro nichos no interior desse espaço subterrâneo, contendo, no total, doze caixas funerárias de pedra, algumas das quais já tinham sido vandalizadas pelos ladrões de túmulos.

Durante o período do Segundo Templo (entre 516 a.C. e 70 d.C.), especialmente em Jerusalém e arredores, a prática funerária entre os cidadãos judeus mais ricos decorria em duas fases. Primeiramente, a inumação primária do corpo numa câmara subterrânea, escavada na rocha. Depois, após a decomposição do corpo, os membros da família regressavam à tumba, reuniam os ossos e colocavam-nos dentro de uma pequena caixa de pedra ou de madeira, chamada “ossário”, que era depositada em nichos laterais da respetiva caverna tumular (Hachlili, 2004:2022).

Estas caixas de calcário eram uma solução comum de sepultamento secundário dos restos ósseos, depois do enterro inicial, e, por isso, tinham de ser do tamanho justo para caberem os ossos longos das pernas e o crânio (Bond, 2004:2). Por vezes, na mesma urna eram agrupados os ossos de mais do que uma pessoa. Mas eram sempre membros da mesma família.

Não existe um consenso quanto à origem desta tradição. Alguns argumentam que ela nasceu de mudanças teológicas ocorridas entre os membros da escola farisaica, tendo-se espalhado para os restantes estratos sociais; mas

outros defendem que a melhoria das condições económicas das elites urbanas, juntamente com a mão-de-obra disponível pelo incremento da construção civil, facilitou a introdução desta nova prática funerária (Rahmani, 1994). Contudo, o costume não perdurou durante muito tempo, pois os últimos ossários de pedra conhecidos datam do final do século III d.C..

Estas caixas pétreas eram, por vezes, ornamentadas com desenhos geométricos e vegetalistas, apresentando esporadicamente inscrições cursivas, gravadas na pedra macia com um ferro aguçado, por algum familiar próximo, não só para identificar o defunto, mas também para assegurar que ele não seria esquecido. Algumas vezes, eram adicionados detalhes, como o grau de parentesco, alcuinha, proveniência ou profissão.

Estas epígrafes eram breves e redigidas numa das três línguas usadas – hebraico, aramaico ou grego – e constituem, naturalmente, uma excelente fonte documental para identificar personagens históricos desse período. Conhecem-se alguns célebres ossários grafitados, como o de “Simão, o construtor do Templo”; o de “*Yehohanan ben Hagkol*”, condenado à crucificação; outro com a indicação de “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”, cuja autenticidade tem sido bastante questionada; e dez ossários do túmulo de Talpiot, com vários nomes típicos do Novo Testamento.

Voltando à nossa tumba familiar, cinco destes ossários continham inscrições gravadas em aramaico cursivo, salientando-se um com o nome de Salomé, outro identificado com o nome de Miriam, filha de Simão.





Fig. 1 – Ossário de Caifás.

Mas um dos ossários destacou-se dos demais por estar muito bem decorado, com motivos florais estilizados, zigzagues e arcos arquitetônicos, além de vestígios de tinta laranja. Os especialistas confirmaram a autenticidade dos achados, revelando que este ossário mais ornamentado datava, provavelmente, do século I da nossa era (Reich, 1992).

Dentro da caixa encontravam-se os restos osteológicos de duas crianças, de dois adolescentes, de uma mulher adulta e de um homem com cerca de 60 anos (Bond, 2004:5). A mulher seria a esposa ou a filha do homem adulto e as crianças poderiam ser seus filhos ou netos. Os ossos foram de novo enterrados num cemitério atual no Monte das Oliveiras.

Este ossário decorado continha duas versões do mesmo nome grafita-

do: “*Yehosef bar Qapha*”, no lado mais estreito da urna, e “*Yehosef bar Qayyapha*”, no lado maior, que os arqueólogos israelitas confirmaram referir-se a José, com o cognome *Qayafá*, sendo defendido que corresponde ao conhecido sumo-sacerdote Caifás (Greenhut, 1992b:65).

Embora o Novo Testamento se refira a ele apenas por este apelido familiar (Mateus 26:3, 57; Lucas 3:2; João 11:49; 18:13-28; Atos 4:6), o historiador Flávio Josefo confirma que “José” era o seu nome pessoal (1997: XVIII, 35, 95).

Mais recentemente, em junho de 2011, arqueólogos da Universidade de Tel Aviv recuperaram um outro ossário, saqueado de uma tumba no Vale de Elah, a 25km para sudoeste de Jerusalém, que traz o mesmo cognome gravado. Embora o achado não tenha sido estudado *in situ*, a Autoridade de Antiguidades de Israel confia igualmente na sua autenticidade.

Esta outra caixa de pedra continha o seguinte epitáfio: “*Miriam, filha de Yeshua, filho de Qayapha, sacerdote de Ma'aziah de Beith Imri*” (Zissu e Goren, 2011:76), onde se depreende que esta outra Miriam seria neta do mes-

Embora o Novo Testamento se refira a Caifás apenas por este apelido familiar, o historiador Flávio Josefo confirma que “José” era o seu nome pessoal.

mo Caifás e o termo “*Beith Imri*” constitui o nome da povoação de origem da família sacerdotal de Caifás, a sul de Hebrom.

Esta epígrafe liga Caifás à linhagem sacerdotal dos Maazias, um dos 24 grupos que serviam no Templo de Jerusalém. Presume-se que ele obteve esta posição social e eclesiástica por via do seu casamento com a filha de Anás, chefe de um poderoso clã de sumo-sacerdotes (Flusser, 1991:24).

Caifás exerceu funções no Templo de Jerusalém entre os anos 18 e 36 d.C. e o relato bíblico refere que ele conduziu, juntamente com o seu sogro, Anás (ver João 18:13), os interrogatórios e o julgamento noturno de Jesus Cristo, no Sinédrio – o supremo tribunal judaico –, após a Sua detenção no Jardim do Getsémani. Caifás entregou-O a Pilatos para ser condenado à pena capital, após Lhe perguntar: “És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?”, ao que Jesus respondeu “Eu sou” (Marcos 14:61 e 62).

Este mesmo Caifás prosseguiu a sua perseguição à primitiva Igreja cristã, após a morte de Jesus, conduzindo vários julgamentos dos seus líderes, conforme relata o capítulo 4 dos Atos dos Apóstolos.

Este memorável achado osteológico provê, pela primeira vez, os restos físicos de um indivíduo referido especificamente na Bíblia.



Fig. 2 – Nome grafitado no lado maior do ossário: “Yehosef bar Qayyapha” (RonnyReich, 1991).

Apesar de tudo, a identificação deste ossário com o Caifás bíblico tem sido contestada por alguns estudiosos (ver Puech, 1993:43), com vários argumentos.

1. Desde logo, pela omissão do estatuto de sumo-sacerdote no grafito, ao contrário de outras urnas, que fazem referência à função sacerdotal dos seus ocupantes, tal como o referido ossário do Vale de Elah.

No entanto, outros investigadores rebatem que essa ausência não constitui um problema na identificação da urna com Caifás, pois a maioria das inscrições funerárias judaicas é breve, mencionando apenas o nome e o patronímico, sendo escassas as referências aos cargos eclesiásticos exercidos. Era um registo escrito para o interior da família do defunto e não para o exterior.

2. Paralelamente, embora o ossário esteja bastante ornamentado, como seria de esperar de alguém da sua ca-

tegoria e do seu estatuto económico, a tumba é realmente muito simples e insuficientemente grande para a família de um sumo-sacerdote. Seria expectável uma tumba mais elaborada, como outras que se conhecem em Jerusalém, atribuídas a membros da aristocracia e do clero desse tempo (Bond, 2004:7).

3. Argumenta-se igualmente que a elevada taxa de mortalidade infantil atestada nos ossários deste sepulcro familiar não se adequa a uma família de elevada condição social e económica (Hachlili, 2004:266).

4. Outro problema advém do facto de a urna de Miriam, encontrada na mesma tumba, possuir uma moeda entre os restos ósseos, que, segundo a mitologia greco-romana, seria usada para pagar ao barqueiro Caronte, que a levaria para o mundo inferior (Greenhut, 1991:7). Embora grande parte da população de Jerusalém tivesse essa prática a partir do século I d.C., influenciada pelas novas correntes pagãs que foram introduzidas pelos Gregos, Caifás era um Judeu Saduceu ortodoxo que não acreditava na existência de vida após a morte.

Mesmo assim, esta moeda não prova que Miriam e a sua família tivessem qualquer crença deste tipo, e, mesmo que Caifás fosse Saduceu, isto não quer dizer que toda a sua família tivesse a mesma concepção da morte que ele tinha. Para além de que o numisma podia não significar, no Judaísmo, o mesmo que no paganismo, podendo tratar-se de um costume adaptado à cultura judaica. Talvez a família de Miriam achasse que a moeda poderia garantir que ela chegaria ao *Hades*, a cidade dos mortos e o lugar

de descanso (Bond, 2004:8). Portanto, a moeda do ossário de Miriam não exclui a possibilidade de ela ser membro da família de Caifás.

Grande parte dos arqueólogos julga, assim, ter neste achado uma confirmação arqueológica consistente da existência deste importante personagem registado no Novo Testamento, com um papel fundamental nos eventos que decorreram no julgamento, na prisão e na execução de Jesus Cristo. E, além do mais, este memorável achado osteológico provê, pela primeira vez, os restos físicos de um indivíduo referido especificamente na Bíblia.

Bibliografia

BOND, Helen Katharine (2004) - *Caiaphas: Friend of Rome and Judge of Jesus?*, Westminster John Knox Press.

DOMERIS, William R.; SIMON, M. S. Long (1994) - "The recently excavated tomb of Joseph Bar Caipha and the biblical Caiaphas." *Journal of Theology for Southern Africa*, 89, pp. 50-58.

GREENHUT, Zvi (1991) - "Discovery of the Caiaphas family tomb." *Caiaphas family tomb. Special Double Issue. Jerusalem Perspective*, 4 (4-5), pp. 6-12.

GREENHUT, Zvi (1992a) - "Burial cave of the Caiaphas family." *Biblical Archaeology Review*, 18:5 (Sept/Oct), pp. 29-36.

GREENHUT, Zvi (1992b) - "The 'Caiaphas' Tomb in the North of Jerusalem." *Atiqot*, 21, pp. 63-71.

FLUSSER, David (1991) - "To bury Caiaphas, not to praise him." *Caiaphas family tomb. Special Double Issue. Jerusalem Perspective*, 4 (4-5), pp. 23-28.

HACHLILI, Raquel (2004) - *Jewish funerary customs,*

practices, and rites in the Second Temple Period (Supplements to the Journal for the Study of Judaism: 94).

JOSEFO, Flávio (1997) - *Antigüedades Judías*. Libros XII-XX. Edición de José Vara Donado. Akal Clásica.

PUECH, Émile (1993) - "A-t-on découvert le tombeau du grand-prêtre Caïphe?" *Le monde de la Bible*, 80, pp. 42-47.

RAHMANI, Levi. Y. (1994) - *A catalogue of Jewish ossuaries. In the collections of the state of Israel. Jerusalem.*

REICH, Ronny (1991) - "Ossuary inscriptions from the Caiaphas tomb." *Caiaphas family tomb. Special Double Issue. Jerusalem Perspective*, 4 (4-5), pp. 13-21.

REICH, Ronny (1992) - "Caiaphas name inscribed on bone boxes." *Biblical Archaeology Review*, 18.5, pp. 40-44, 76.

ZISSU, Boaz; GOREN, Yuval (2011) - "The ossuary of Miriam daughter of Yeshua son of Caiaphas, Priests [of] Ma'aziah from Beth 'Imri'. Epigraphic notes on the ossuary of Miriam, daughter of Yeshua: limning the broad tableau." *Israel Exploration Journal*, 61:1, pp. 74-95.



Noemi Duran Royo

Entrevistada por Ezequiel Duarte

Diretora da delegação europeia do Geoscience Research Institute e, desde 2018, coordenadora do Mestrado de Fé e Ciência da Faculdade Adventista de Teologia, em Sagunto.

Noemi Duran Royo nasceu em 1974, em Barcelona. É especialista em Biologia Marinha, é licenciada em Ciências Biológicas, com uma Pós-Graduação em Educação Socioambiental e um Mestrado em Zoologia pela Universidade de Valência. Também tem um Doutorado em Biologia pela Universidade de Loma Linda, na Califórnia. É docente universitária e autora de diversas publicações, assim como vencedora de prêmios pelo seu trabalho de investigação ao serviço da Universidade de Loma Linda, nos Estados Unidos da América, e da Universidade de Valência, em Espanha. Desde 2016, é Diretora da delegação europeia do *Geoscience Research Institute* e, desde 2018, coordena o Mestrado de Fé e Ciência da Faculdade Adventista de Teologia, em Sagunto. Aproveitámos a oportunidade de a termos no CAOD, a dirigir a Semana de Oração para os alunos, para conversar um pouco com ela.

ED: Antes de falarmos do teu trajeto profissional e espiritual, fala-nos um pouco do que é o *Geoscience Research Institute*, do qual és a Diretora europeia. Qual é o trabalho que este Instituto desenvolve para a Igreja, nomeadamente na Europa?

NDR: O *Geoscience Research Institute* é um Instituto de investigação da Igreja a nível global, que depende diretamente da Conferência Geral. Tem uma longa história, pois começou na década de 1950. E é algo que a nossa Igreja criou porque se apercebeu de que estava preparada, a nível teológico, para falar sobre as questões

das origens, mas não a nível científico. Portanto, quando se trata do debate Criação-Evolução, não tínhamos cientistas preparados para abordar a questão de um ponto de vista científico. É por essa razão que se abre o Instituto e se começa a formar uma série de pessoas que são cientistas de profissão, para estudar a Natureza numa perspetiva bíblica e para ver que resultados se encontram quando se investiga a Natureza seguindo a metodologia científica, mas numa perspetiva cristã. A sede do Instituto é em Loma Linda, na Califórnia, mas há uma série de filiais em diferentes locais. A sede europeia está, atualmente, em Sagunto, Espanha. O que fazemos em cada uma das sedes é tentar promover o conhecimento da compatibilidade entre Fé e Ciência, formar a Igreja em assuntos científicos. E depois também procuramos fazer investigação em diferentes domínios. Os Diretores das filiais e os colegas que trabalham na sede de Loma Linda têm, cada um, a sua especialidade. No meu caso, é a Biologia animal. Também fazemos investigação científica. Apresentamos trabalhos em congressos científicos. Trabalhamos em conjunto na comunidade científica para sermos reconhecidos e respeitados pelos restantes cientistas. Há muitos alunos neste curso de Investigação em Geociências do Instituto, estudantes da Europa, de Portugal. O Instituto propriamente dito é constituído apenas por cientistas profissionais, cinco cientistas em Loma Linda, e, depois, um em cada um dos outros locais. Portanto, não é uma Instituição de ensino, mas colaboramos com vá-

rias Instituições de ensino. Por exemplo, ensinamos em todos os nossos seminários teológicos na Europa.

ED: Desde 2018 és a coordenadora do Mestrado em Fé e Ciência. Que tipo de disciplinas se leciona neste Mestrado?

NDR: No Mestrado em Fé e Ciência, a formação é alargada para aqueles que querem especializar-se nesta matéria. Destina-se principalmente a Pastores e professores que trabalham em Instituições Adventistas, mas também a qualquer pessoa que queira estudar mais sobre compatibilidade entre Fé e Ciência, do ponto de vista Adventista. Há disciplinas como a Criação no Antigo Testamento; a Criação no Novo Testamento; estuda-se os mitos relacionados com a Criação em diferentes Culturas do Próximo Oriente; aborda-se a arqueologia bíblica. Estas são todas as disciplinas de Teologia. Na parte científica, temos a Biologia; a

Geologia; a Paleontologia; a Física; a Astronomia; e o Ambiente.

ED: Agora gostaríamos de saber um pouco sobre o teu percurso. Já dissemos, na introdução, que nasceste em 1974, em Barcelona, Espanha. Como foi a tua infância? Eras boa aluna?

NDR: Tive a sorte de nascer numa família Adventista e de frequentar uma escola Adventista, o Colégio Adventista de Barcelona, em Urgell. E lembro-me da minha infância com muita alegria.

ED: Quando eras adolescente, desenvolveste este interesse pela Natureza, pela Biologia. Foi um processo natural até ires estudar Ciências Biológicas em Valência? Porque tiveste de te mudar para Valência, não foi?

NDR: Mudei-me para Valência quando era muito jovem, com 13 anos. A razão pela qual toda a família se mudou para Valência foi o apreço do meu



pai pela Educação Adventista. Porque em Barcelona só havia escola primária. E em Valência já havia a escola secundária. Assim, o meu pai mudou toda a família quando tive de entrar no ensino secundário, para que eu pudesse continuar a estudar no sistema Adventista.

ED: Quando tinhas 18 anos, foste estudar Biologia...

NDR: Sim! Para fazer a Licenciatura. Fiz uma Licenciatura de cinco anos em Ciências Biológicas. Graças aos meus professores Adventistas, estava preparada para o que encontrei na Universidade.

ED: Como é que gerias o facto de a tua fé ser tão diferente do que te ensinavam nas disciplinas de Biologia, sobretudo quanto à questão da Evolução? Manifestavas sempre a tua fé ou houve alturas em que foi melhor ficares calada?

NDR: Naquela altura, as turmas da Universidade eram enormes. Havia 200 alunos numa sala de aula. Não havia muita hipótese de participar na aula. Mas eu tinha muitas vezes de dar testemunho da minha fé, porque os exames eram ao Sábado. Por isso, tinha de falar com os professores para mudar os exames e explicar-lhes porque é que guardávamos o Sábado. E lá estava a Criação. Normalmente, a maior parte dos professores costumava ser bastante respeitosa.

ED: E depois vais para Loma Linda e aí é novamente um mundo muito semelhante ao do Secundário.

NDR: Loma Linda é um mundo em si mesma. Mas o Departamento

de Biologia e de Ciências da Terra é um Departamento muito pequeno. As turmas têm um máximo de dez alunos. Os professores são muito próximos. É um ambiente totalmente Adventista e criacionista. É muito bonito. A experiência de Loma Linda é muito boa. É única!

ED: Então vais para Loma Linda e desenvolves uma paixão pelas tartarugas. O teu Doutoramento foi baseado nisso, não foi? Foste fazer investigação sobre tartarugas num certo local. Como foi esse período?

NDR: Sim, em Loma Linda, como o Departamento é muito pequeno, há poucas linhas de investigação. Há um grupo que estuda serpentes venenosas e outro que estuda tartarugas marinhas nas Honduras. Escolhi o tema das tartarugas por duas razões. Em primeiro lugar, porque é um trabalho de conservação da Natureza que me interessa muito, pois são espécies protegidas. E, em segundo lugar, porque estávamos a trabalhar numa zona muito pobre, onde as pessoas passam muitas dificuldades. Por isso, o facto de ir para lá fazer investigação também me permitiu trabalhar com essa Comunidade. A experiência com as tartarugas foi muito interessante, porque é puro trabalho de campo, mas também é muito difícil. Pois é esperar toda a noite pelas tartarugas na praia, com quarenta e tal graus, 90% de humidade. É um trabalho duro, mas gostei muito.

ED: Quais são os grandes desafios que vês para a Igreja mundial? O membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia





tem de mudar o paradigma da forma como vê a Ciência?

NDR: Um dos grandes desafios é quebrar o mito de que a Ciência é atea ou de que, se se é Cristão, não se pode ser realmente cientista. Acaba de sair um livro em Espanha, cujo original é francês, chamado *Dios, la Ciencia, las Pruebas*, em que há cientistas cristãos que dizem claramente que a Ciência não é atea. Pelo contrário, temos muitos argumentos para descobrir Deus a partir da Natureza, para ver que há um Criador por detrás da Natureza. Quando se estuda em pormenor, vê-se que, na realidade, nós, crentes e criacionistas, concordamos com uma parte da Teoria da Evolução. Pensamos que os animais e as plantas mudaram depois do pecado e que mudaram depois do Dilúvio. E algumas dessas mudanças podem ser importantes. Porque os animais, quando Deus os criou, não eram carnívoros. Temos de explicar coisas como o aparecimento de animais carnívoros. Isso pode ser chamado “evolução”. É aquilo

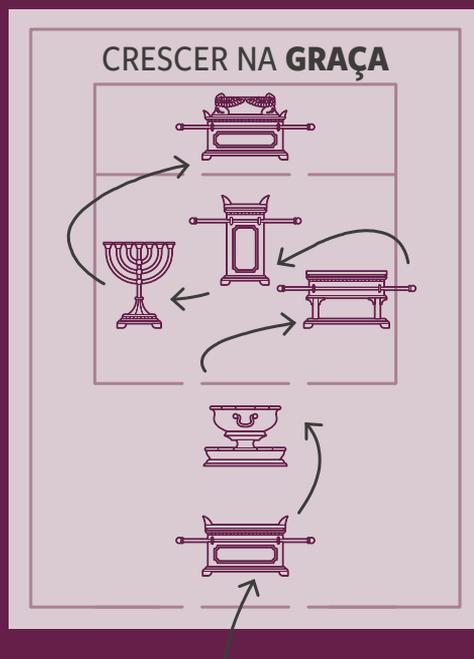
a que, normalmente, chamamos “microevolução”. E isso pode abrir portas de comunicação. E outra coisa muito importante, que muitas vezes esquecemos, é que a Natureza, a Criação, não é apenas para ser discutida, mas também para ser cuidada. Temos de estar conscientes de que temos uma responsabilidade para com a Terra. Deus fez-nos Seus mordomos, pelo que temos de cuidar dela.

ED: Muito obrigado, Noemi. Que Deus abençoe o teu ministério!

Um dos grandes desafios é quebrar o mito de que a Ciência é atea ou de que, se se é Cristão, não se pode ser realmente cientista.

O concerto de Deus com o Seu povo (Parte I)

É consensualmente reconhecido entre os Cristãos Adventistas do Sétimo Dia que, através das instruções dadas a Moisés para a construção do santuário, Deus quis revelar, de forma bem detalhada, todo o Plano da Salvação. Entre muitas citações de acadêmicos Adventistas que analisaram profundamente este tema do santuário, apresento a seguinte declaração do Dr. Elias Brasil, que confirma esta afirmação sobre a doutrina da salvação, dizendo: “Este é um dos ensinamentos fundamentais da Bíblia. Se não houvesse a doutrina da salvação, nenhuma das outras faria sentido. Nós estudamos a Bíblia, aproximamo-nos de Deus e queremos aprender sobre o santuário porque cremos na salvação; cremos que temos um Deus que nos ama; que fez uma provisão para nos salvar; e que, quando entregamos a nossa vida ao Seu Filho, Jesus Cristo, temos a vida eterna. Este é o Evangelho, em poucas palavras. Mas esse Evangelho recebe uma iluminação profunda quando estudamos o santuário. No santuário, entendemos



a questão do pecado; a origem da situação na qual o mundo se encontra hoje; a questão do grande conflito entre o bem e o mal; a salvação; tudo está ali ilustrado... Esta verdade da salvação é ilustrada, explicada e tornada clara no santuário.”¹

Aquilo que talvez não esteja tão desenvolvido entre os Cristãos, na generalidade, é a ideia de que, inserido no supracitado Plano da Salvação, está

Através das instruções dadas a Moisés para a construção do santuário, Deus quis revelar, de forma bem detalhada, todo o Plano da Salvação.

também o grande desafio de Deus para o desenvolvimento de um caráter semelhante ao Seu. Por essa razão é que o lugar santíssimo é o último compartimento do santuário, aquele que contém a Lei dos Dez Mandamentos, que são a transcrição do caráter de Deus. Este era, sem dúvida, o objetivo último de todo o plano apresentado a Moisés: revelar o caráter de Deus, o qual, por fim, será reivindicado no Juízo durante o Milênio.

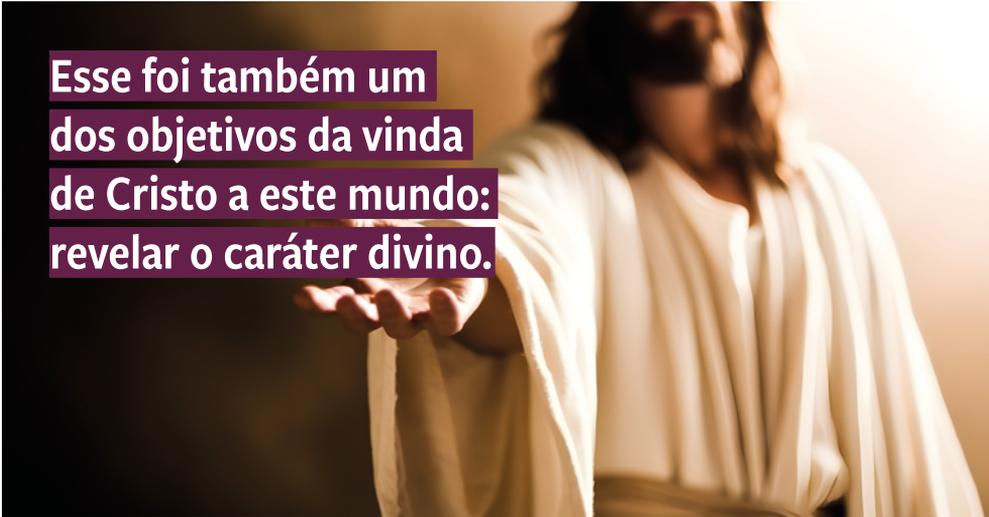
Esse foi também um dos objetivos da vinda de Cristo a este mundo: revelar o caráter divino. Ao pedido de Filipe: “*Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta*”, Jesus respondeu: “*Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe? Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?*” (João 14:8 e 9.) O Espírito Santo, por meio da Sua serva, ratifica a afirmação de Jesus: “*Satanás rejubilava por ter conseguido rebaixar a imagem de Deus na Humanidade. Então veio Cristo, a fim de restaurar no Homem a imagem do seu Criador. ... Veio para nos erguer do pé,*

reformatar o caráter manchado, segundo o modelo do Seu divino caráter, embelezando-o com a Sua própria glória.”²²

*“Ao tomar sobre Si a Humanidade, Cristo veio ser um com a Humanidade e, ao mesmo tempo, veio revelar o Pai celestial aos seres humanos pecadores. Aquele que tinha estado na presença do Pai desde o princípio, Aquele que era a imagem expressa do Deus invisível, era o único habilitado a revelar à Humanidade o caráter divino.”*²³

É plano de Deus que cada crente atinja esse patamar. *A grande questão, nem sempre compreendida, é saber como.* A resposta a este “saber como”, quiçá a mais importante e necessária para o pecador, será analisada num artigo posterior.

Mas, antes mesmo de terem sido dados a Moisés todos os detalhes do Plano da Salvação mediante as instruções para a construção do santuário, já Deus tinha mostrado o mesmo “Plano” aquando da Aliança proposta pelo Senhor ao povo de Israel, relatada em Êxodo 19:5 e 6.



Esse foi também um dos objetivos da vinda de Cristo a este mundo: revelar o caráter divino.

ALIANÇA DE DEUS COM O SEU POVO

Compromisso que envolve duas partes

DEUS

POVO DE ISRAEL

Direitos e Deveres

Figura 1

“Agora, pois, se, diligentemente, ouvirdes a minha voz, e guardardes o meu concerto, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.” A resposta do povo, quando Moisés expôs as palavras do Senhor, foi: *“Tudo o que o Senhor tem falado, faremos”* (Êxodo 19:8).

Mais tarde, Moisés escreveu as palavras do Senhor num livro e leu-as novamente perante o povo numa assembleia soleníssima (Êxodo 24:4-6), e a sua resposta foi ainda mais convicta: *“Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos”* (Êxodo 24:7).

Apesar de ser uma resposta, aparentemente, tão positiva e determinada, iremos entender, mais tarde, o perigo que envolvia esta afirmação tão voluntariosa do povo, talvez cheia de autossuficiência.

Mas, voltemos à proposta de Deus. Analisemos cuidadosamente, e

em primeiro lugar, o versículo 5: *“Agora, pois, se, diligentemente, ouvirdes a minha voz, e guardardes o meu concerto, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a terra é minha.”* Permitam-me parafrasear este texto para uma melhor compreensão: *“Se vocês ouvirem, com muita atenção, e quiserem aceitar a proposta que vos faço, então irei comprar-vos para Mim para que sejam a Minha propriedade peculiar.”*

Vou tentar explicar esta espantosa passagem com o gráfico da *Figura 1*.

Uma Aliança, um Acordo ou um Concerto é sempre um compromisso que envolve duas partes. Nesta Aliança, as duas partes são: Deus e o povo de Israel.

Como todos sabemos, em qualquer acordo celebrado, existem sempre direitos e deveres das duas partes.

Vamos falar primeiro dos deveres, ou das responsabilidades. O mais interessante aqui, e que merece ser destacado, é que Deus não Se furta às Suas

responsabilidades. Mais ainda, Deus assume-as, mesmo antes de mostrar quais serão as responsabilidades propostas para o povo.

Esse compromisso está bem claro quando Deus diz: *“Vocês serão a minha propriedade particular.”* Por outras palavras: *“Vou comprar-vos para serem a Minha propriedade especial. Vou adquirir-vos para Mim.”* Quando Deus faz esta afirmação, implicitamente está a dizer que o povo de Israel – assim como toda a Humanidade – não Lhe pertence, porque tomou a decisão de escolher outro dono.

Ellen G. White faz esta espantosa afirmação: *“Por causa da cedência à tentação, o Homem tornou-se no inimigo de Deus, num participante da natureza satânica. A imagem de Deus, na qual tinha sido criado, ficou desfigurada e deformada. O caráter do Homem deixou de estar em harmonia com o caráter de Deus.”*²⁴

Sim, Adão e Eva e, por arrasto, toda a sua descendência, escolheram

seguir Satanás e ele reclama-nos a todos como seus. Para voltarmos a pertencer a Deus, teria forçosamente de haver um resgate. Este resgate era a parte de Deus neste acordo que propunha aos Israelitas: oferecer a salvação (Figura 2). O que Deus está a dizer é: *Notem bem, este é o Meu compromisso. A vossa salvação é da Minha exclusiva responsabilidade. Nenhum ser humano poderá fazer algo para a adquirir.*

O preço do resgate foi altíssimo. Na I Epístola aos Coríntios (6:20; 7:23) e, ainda, na I Epístola a Timóteo (2:6), o apóstolo Paulo afirma que o preço da redenção da Humanidade foi a morte do Filho de Deus. Mas, para haver a morte, teve de haver primeiro a Sua incarnation, a qual já constituiu uma tremenda humilhação voluntária do Senhor Jesus, como o mesmo Paulo afirma: *“Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na*

Figura 2





forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.” (Filipenses 2:6-8). Que preço!

Mesmo que se juntassem todos os homens, de todos os tempos, com todas as suas riquezas, nunca conseguiriam pagar o preço do resgate. Só a morte do Deus Salvador podia liquidar tão grande dívida. É por essa razão que Deus é tão enfático na proposta que faz ao povo de Israel: *Se diligentemente ouvirem a Minha voz e guardarem a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos. Eu serei o vosso Deus! Vou resgatar-*

Mesmo que se juntassem todos os homens, de todos os tempos, com todas as suas riquezas, nunca conseguiriam pagar o preço do resgate. Só a morte do Deus Salvador podia liquidar tão grande dívida.

-vos! Esta é a grande responsabilidade de Deus. Muitas vezes, temos a tentação de assumir esta salvação como nosso encargo. Não! Jamais! Deus tem a exclusividade da salvação da Humanidade, revestida de grande misericórdia e perseverante paciência.

Apesar de ser grandemente dolorosa e penosa para Ele, não hesitou em concretizá-la, apenas porque amava a Sua Criação rebelde. Louvado seja o Senhor por tão altruísta proposta e por ter cumprido a Sua parte no acordo.

No artigo do próximo mês iremos ver quais as responsabilidades do povo de Israel. Até lá, seria muito bom que refletíssemos profundamente e que aceitássemos e interiorizássemos sem reservas que a nossa salvação é um dom de Deus.

¹ Elias Brasil, *Santuário - Fundamento da Teologia Adventista*, edição online, p. 6.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 27 e 28, 2017, ed. P. SerVir.

³ Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, pp. 321 e 322, 2015, ed. P. SerVir.

⁴ *The Signs of the Times*, 13 de fevereiro de 1893.



Conceição Lagoa

Diretora-Associada da Área da Família da
UPASD para os Ministérios da Criança

Samuel

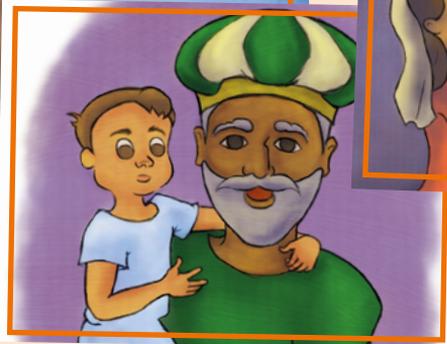
“E sucedeu que, passado algum tempo, Ana concebeu, e teve um filho, e chamou o seu nome Samuel; porque, dizia ela, o tenho pedido ao Senhor” (1 Samuel 1:26).

Olá, Amiguinhos! Permitam-me saudar-vos à maneira de **Samuel**, um **profeta e juiz** notável da Bíblia, cuja vida foi marcada por **ouvir a voz de Deus** e **obedecer fielmente ao Seu chamado**.

O pai de Samuel, **Elcana**, era um Levita da família de Coate, mas vivia no território de Efraim. A mãe de Samuel era **Ana**, uma das duas esposas de Elcana. Ana era estéril, ou seja, não podia ter filhos, mas prometeu a Deus que, se Este lhe desse um filho, esse **seria dedicado a Deus** como nazireu (alguém que fazia um voto de consagração a Deus por

um período de tempo limitado ou para toda a vida). **Deus ouviu a sua oração e deu-lhe Samuel**. Este, depois de desmamado, foi entregue por Ana ao cuidado do **sumo-sacerdote Eli**, em Silo, para ser educado no serviço do Senhor, no **tabernáculo**.

E o mancebo Samuel ia crescendo, e fazia-se agradável, assim para com o Senhor como também para com os homens.
(1 Samuel 2:26.)





Quando Samuel era ainda um menino, o Senhor revelou-lhe o triste destino da família sacerdotal de Eli, por causa da impiedade dos seus filhos. Deus voltou a aparecer em visão a Samuel noutras ocasiões. Em resultado de tais experiências, toda a nação de Israel reconheceu o estatuto de **profeta** de Samuel quando ele se tornou adulto.

Samuel tornou-se **líder de Israel**, como nazireu, profeta e juiz. Ele reuniu o povo em Mispá para **renovar a aliança de Israel com Deus**. Os Filisteus pensaram que esta reunião era uma sublevação militar e atacaram os Israelitas, mas foram derrotados. Israel venceu assim uma importante batalha sob a liderança de Samuel, e, enquanto ele foi o líder do povo de Deus, os Filisteus não ousaram mais atacar Israel.

Quando Samuel ficou velho, nomeou os seus **dois filhos** como **juizes adjuntos**. Mas, ao contrário do seu pai, eles revelaram-se juizes corruptos. Esta foi uma das razões da insatisfação dos Israelitas que os conduziu a pedirem a Samuel que designasse um **rei**. Samuel recusou inicialmente o pedido, mas Deus ordenou a Samuel que **ungisse um rei para Israel**.

Seguindo as indicações de Deus, Samuel ungiu **Saul** como rei. No entanto, o comportamento de Saul revelou a Samuel que algo não estava bem. O novo rei começou a manifestar um espírito independente e desobediente. Assim, a dado momento, Samuel comunicou-lhe a mensagem divina de que ele seria desapossado da realeza. Entretanto, por ordem de Deus, Samuel ungiu **David** como rei sobre Israel, embora Saul estivesse ainda no poder. Este perseguiu David, que, inicialmente, se refugiou junto de Samuel. Mas o profeta acabou por falecer, perdendo David a sua proteção.

Samuel foi um grande homem. O livro de Hebreus nomeia-o como um dos heróis da fé (Hebreus 11:32). Ele foi um homem que não fazia qualquer compromisso quando a honra de Deus estava em causa ou quando uma ordem direta de Deus não era obedecida. Contudo, **Samuel tinha um bom coração.** Ele orava constantemente pelo seu povo e não deixou de amar Saul, mesmo quando foi forçado a rejeitá-lo como rei de Israel. Infelizmente, os filhos de Samuel não seguiram as suas pegadas.



Então veio o Senhor, e ali esteve, e chamou, como das outras vezes: Samuel, Samuel. E disse Samuel: Fala, porque o teu servo ouve. (1 Samuel 3:16.)

Podemos concluir que Samuel, desde a sua juventude, demonstrou uma disposição para **escutar atentamente a voz do Senhor**. Ele ouviu o chamado de Deus quando ainda era uma criança e respondeu com humildade: **“Fala, Senhor, que o teu servo ouve.”** Essa atitude de prontidão para ouvir a voz divina é um **exemplo inspirador** para nós.

Samuel continuou como juiz de Israel durante todos os dias de sua vida.
(1 Samuel 7:15.)

Quero destacar a **importância da sensibilidade espiritual e da obediência à voz de Deus na nossa vida**. Assim como Samuel foi usado por Deus para trazer mensagens e orientação ao Seu povo, também somos chamados a **ouvir a voz de Deus e a obedecer-Lhe na nossa vida diária**.

Espero que esta mensagem seja uma oportunidade para te **inspirares na vida de Samuel e para buscares uma ligação mais profunda com Deus, ao ouvires atentamente a Sua voz e ao obedeceres fielmente ao Seu chamado**.

Pensamento sobre Samuel

“São os jovens que o Senhor chama para Lhe servirem de mão ajudadora. Samuel era uma simples criança quando o Senhor o empregou para realizar uma obra boa, excelente.” – Ellen G. White, *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, p. 488.



ilustrações: freebibleimages.org



ESPÍRITO DE PROFECIA

Daniel Vicente | Diretor do Serviço de Espírito de Profecia da UPASD

150 Anos de Adventismo oficial na Europa: John N. Andrews (Parte II)

Logo que John N. Andrews e os seus filhos chegaram à Suíça, instalaram-se em Basileia, porque o sonho de Andrews era poder difundir a mensagem Adventista através da publicação de uma revista. O seu domínio da língua francesa era limitado e notara que os Francófonos não sentiam uma particular atração por estrangeiros, criticando muitas vezes o seu sotaque,¹ mas começou a pensar em iniciar uma publicação em francês. Assim, estabeleceu com os seus filhos o pacto de só comunicarem entre si em francês ou, se necessário, em alemão, sendo o inglês a língua em que se expressariam em situações extremas. O objetivo de Andrews era poder comunicar a mensagem do Advento num francês correto.

Como Basileia era conhecida pelas suas casas impressoras, ele pensou que aquela cidade seria a cidade ideal para poder concretizar o seu projeto. Tomando como modelo a Revista Adventista americana *Signs of the Times*, criou uma revista em francês com o nome *Les Signes des Temps*. A sua filha Mary fazia a revisão do francês, pois tinha aprendido muito rapida-

mente a falar a língua como se fosse a sua língua materna. O seu filho Charles compunha os tipos para seguirem para impressão em gráfica. A circulação da *Les Signes des Temps* chegou a ser de 5000 exemplares, mais tarde, já impressa numa tipografia própria. Desta saíram também folhetos em alemão, em italiano e em francês para quase todos os países da Europa central.

Podemos calcular que tudo isto requeria um trabalho esgotante. Ellen G. White tinha advertido Andrews, antes de ele partir para a Europa: “Lembre-se de que lhe escrevi do Texas para que encontrasse uma esposa antes de ir para a Europa... Caso tivesse escolhido uma mulher piedosa, que pudesse ser mãe para os seus filhos, teria atuado com sabedoria e a sua utilidade teria sido dez vezes maior do que tem sido. Você não é um homem caseiro. Não estava de forma alguma qualificado para cuidar dos seus filhos. Não estava preparado para cuidar dessas crianças e ocupar o lugar de pai e mãe.”²

A esta missiva, Andrews respondeu, a 17 de setembro de 1883, com estas palavras: “Suplico-lhe que acredite, como sempre, no meu desejo sincero de agir corretamente.”³

Andrews morreu no mês seguinte, aos 54 anos, sendo sepultado em Basileia. Tendo trabalhado com prejuízo para a sua saúde, muito deve a Europa a este homem de uma sabedoria, de uma capacidade e de uma visão imensas, sempre animado pelo desejo profundo de servir o Senhor.

¹ Maxwell, C. Mervyn, *História do Adventismo*, Santo André, SP: CPB, 1982, p. 176.

² Ellen G. White, *Carta 1*, 1883.

³ “Andrews, John Nevins e Angeline”, *Enciclopédia de Ellen G. White*, Tatuí, SP: CPB, p. 323.



Batismos em Canelas

02 nov 2023 | **Enoque Tavares**, Departamento de Comunicação da IASD de Canelas.

Percorrendo o Texto Sagrado, encontramos vários exemplos de pessoas que, desde a sua infância e juventude, aceitaram o chamado de Deus.

Josias, o rei de apenas oito anos, orientou o povo para os caminhos do Senhor.

David era “o menor e apascentava ovelhas”, quando foi ungido para ser o futuro rei de Israel.

Na força da sua juventude, e apesar das difíceis circunstâncias, José e Daniel escolheram ser fiéis ao Senhor...

A todos estes exemplos, juntam-se dez jovens, com idades entre os 11 e os 22 anos, dez jovens a quem Deus conhece e ama de forma extraordinária. A cada um deles Deus chamou e cada um, individualmente, aceitou esse chamado. De acordo com o seu desejo, foram batizados, no dia 21 de outubro de 2023, na IASD de Canelas.

Os Pastores oficiantes foram o Pr. Edgar Justino e o Pr. Júlio Carlos Santos. Foi um dia de festa na IASD de Canelas e no Céu!

Damos graças a Deus pela entrega destes jovens e oramos para que, cada dia, se deixem inspirar pelo poder de Deus.



Notícias da Igreja em Avintes

13 nov 2023 | **André Sousa**, Diretor de Comunicação da IASD de Avintes.

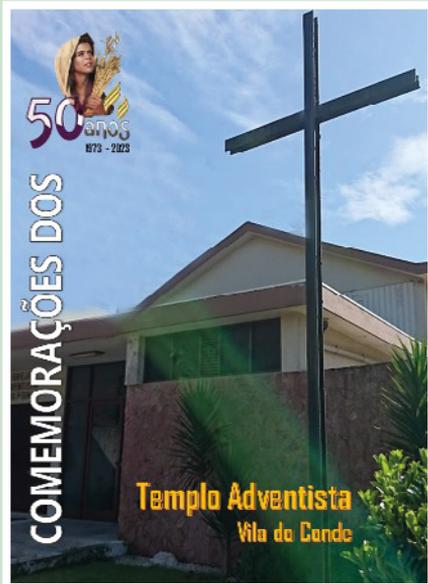
No sábado 4 de novembro de 2023, a comunidade da igreja Adventista do Sétimo Dia de Avintes reuniu-se para celebrar um momento especial de renovação da fé. Um casal de noivos, Sara Pinto e Paulo Freitas, tomou a decisão de ser rebatizado como parte da sua jornada espiritual e reconciliação com Deus.

A cerimónia de rebatismo foi realizada na presença de amigos, familiares e membros da igreja, que se uniram em oração e apoio aos noivos. O Pastor Edgar Justino presidiu à cerimónia, destacando a importância deste ato de fé e de compromisso com Deus.

Tanto a Sara como o Paulo expressaram a sua gratidão e alegria após o rebatismo, partilhando como essa decisão fortaleceu ainda mais o vínculo entre eles como casal, e como foi importante dar este passo antes do casamento.

A igreja Adventista do Sétimo Dia de Avintes congratula-se por receber novos membros, e espera que este novo casal continue a crescer espiritualmente junto de Deus, com a ajuda de todos os membros.

Esta celebração de renovação da fé certamente ficará marcada na memória do casal e da comunidade Adventista em Avintes.



O templo de Vila do Conde completou 50 anos

18 dez 2023 | José Sepúlveda, IASD de Vila do Conde.

A mensagem Adventista assentou arraiais em Vila do Conde em 30 de abril de 1955, data em que se realizou a primeira Escola Sabatina em casa da família pioneira. Esta viera de Vizela, após três anos de grandes perseguições e provações ocorridas naquela vila, que foram originadas pelo facto de o casal pioneiro ter entregado a sua vida a Jesus em 9 de

maio de 1952, durante o Congresso de Obreiros Leigos que teve lugar na igreja do Porto. Pouco tempo depois do início dessas reuniões, já a ideia de se construir um templo Adventista em Vila do Conde fervilhava na mente da família. Em 10 de março de 1956, durante a visita do Pastor Ernesto Ferreira a sua casa, lugar onde eram realizadas as reuniões semanais, era expressa a vontade de se construir uma igreja onde pudessem louvar o Senhor e “onde a Sua Palavra pudesse ser largamente divulgada”. Parecia ainda um sonho, mas, quinze anos depois, ele iria transformar-se em realidade.

O trabalho foi prosseguindo com entusiasmo e, confrontados com o crescente aumento de participantes nas reuniões, o lugar de culto seria transferido para outro prédio pertencente à família, no qual era desenvolvida a sua atividade profissional, situado na Rua Cidade de Aveiro, sendo o primeiro andar e a cave devidamente adaptados para aí terem lugar as reuniões da Escola Sabatina e do Culto, bem como as animadas reuniões de jovens. Essa transferência veio a concretizar-se no dia 6 de julho de 1957.

Porém, esse lugar depressa se iria tornar cada vez mais exíguo. Em 1962 chegou a Vila do Conde o primeiro Pastor residente. Era Raúl Meneses e vinha incumbido de desenvolver ações que levassem à abertura de uma sala a toda a gente que desejasse entrar e conhecer a vontade do Senhor. Assim, no dia 18 de

dezembro de 1965, foi inaugurada a sala da Rua do Lidador. Foi nessa sala que, no ano de 1966, já com Abílio Echevarría a pastorear a igreja, ocorreu o primeiro contacto com a família de Arlindo Couto, que viria a ser o catalisador que levaria à abertura do primeiro lugar de culto em Guimarães, no ano de 1968.

Por esse tempo, era cada vez maior a vontade da construção de um templo, vontade que teria a sua concretização quando Maria Júlia, filha do casal pioneiro, foi ampliar os seus estudos sobre língua francesa na Sorbonne. Durante a sua estadia em França, ela esteve algum tempo em contacto com o *Campus* Adventista de Collonges-sous-Sallève. Ao deparar-se com a linda Capela do *Campus*, achou que devia sugerir à família que esta servisse de modelo para a igreja a erigir em Vila do Conde. Inicialmente, a construção foi pensada para o Jardim Júlio Graça – onde se encontra hoje o prédio que pertence à família Mendes –, ideia que viria a causar alguma contestação e até controvérsia, porque existia do outro lado do jardim, mesmo frente a esse lugar, uma igreja Católica, e a construção de um templo Adventista ali podia ser tomado como uma afronta. Ponderado o assunto, a família Mendes decidiu relocalizar o lugar para um terreno que possuía na Rua do Pinhal – hoje Rua Independência da Guiné-Bissau –, que era, afinal, um lugar bem mais aprazível e sossegado, mais adaptado ao nosso modelo recatado de adoração.

Finalmente, no dia 16 de outubro de 1971, o templo estava concluído e as reuniões foram transferidas para ele. Nesta altura, as cerimónias religiosas tinham lugar no salão de jovens, e foi aí que a filha mais nova do pioneiro, Ana Pedro, foi apresentada ao Senhor, já no culminar desse ano. Mesmo assim, até ao dia em que teria lugar a consagração, foram ali realizadas diversas atividades, como o casamento de Maria Júlia e Manuel Carlos, em agosto de 1972; a organização dos primeiros Jogos Florais da Juventude, em parceria com a igreja do Porto; duas campanhas antibábicas; uma campanha de evangelismo – A Bíblia Fala; o casamento de Ana Maria e José Luís, em outubro de 1973. Ao fim de todos esses eventos, chegou o dia almejado para a sua consagração ao Senhor, ocorrida a 8 de dezembro de 1973, com a presença dos Presidentes da União Sul Europeia e da União Portuguesa.

As comemorações dos 50 anos

Passados cinquenta anos, as celebrações destes ocorreram em quatro sessões distintas ao longo de 2022 e 2023. Afinal, comemorávamos também os 70 anos da data de batismo do casal de pioneiros.

Na primeira sessão, realizada em 20 de maio de 2022, além da participação do Grupo Vozes de Sião (que nos acompanhou em todas as sessões) e do Coral de Guimarães, tivemos o prazer de ter conosco o Grupo Gratidão, da igreja de Espinho. Durante o programa, foi contada a história dos pioneiros.

Na segunda sessão, ocorrida em 19 de novembro de 2022, esteve conosco o Grupo Yada (elementos do *Adra Voices*) e, durante o programa, foi apresentada a história dos tempos vividos pela família desde Vizela até à sua vinda para Vila do Conde e o desenrolar de atividades até à abertura da primeira sala pública, na Rua do Lidador.

Na terceira sessão, ocorrida em 22 de maio de 2023, tivemos como convidado o Grupo Coral Adventista de Braga e, no decorrer do programa, contámos a história dos anos de grandes provas, que ocorreram até à inauguração do templo. Por fim, na Sessão Solene, que teve lugar no dia 9 de dezembro de 2023, a que demos o nome de “Construtores de Esperança”, tivemos como convidado o Pastor Júlio Carlos Santos, em representação da Administração da UPASD, que dirigiu o culto dessa manhã e nos acompanhou nas comemorações durante a Sessão Solene levada a efeito na tarde desse dia. A ele, a nossa gratidão.

Tivemos nesse dia, como convidados para os momentos musicais, além do grupo local Vozes de Sião, o Grupo Coral de Guimarães e um pequeno Grupo Instrumental formado por membros da família Sepúlveda, de Vizela, e amigos. Nesta sessão homenageámos as pessoas e os Pastores que, ao longo do tempo e de mãos dadas com Cristo, ajudaram a construir a igreja que hoje somos.

Todas estas sessões, cujo lema foi “*Aqui Chegámos pela Fé*”, tiveram a participação relevante do grupo local

Vozes de Sião, que nos deliciou com belíssimos hinos de inspiração cristã. Foram momentos de alegria, de louvor e de amizade cristã. A igreja de Vila do Conde quer agradecer a todos aqueles que não pouparam esforços para participar nestas comemorações, tão marcantes para nós. A todos, a nossa gratidão.

Nota: A história pormenorizada da igreja de Vila do Conde, bem como a dos seus pioneiros, encontra-se contada em livro.



Centenário da Igreja em Tomar (1923-2023)

21 dez 2023 | Ezequiel Quintino, Pastor Emérito

O sábado 9 de dezembro foi um dia histórico na história da igreja de Tomar. Depois dos serviços da Escola Sabatina, a manhã culminou com a Cerimónia de Dedicção da nova sala de reuniões (desde fevereiro de 2019), na Avenida do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 93 C e E.

O Pr. Yadalzine Lima deu as boas-vindas, a congregação cantou

o hino 504, “Da Igreja o Fundamento” (do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*), e o Tesoureiro da UPASD, Dr. Daniel Simões, pediu a bênção de Deus. O Pastor da igreja fez um breve relance histórico dos 100 anos da igreja de Tomar e o Tesoureiro da União leu II Crônicas 6:14-42. Após o momento musical “Via Dolorosa”, pela jovem Tamar Supo, o Presidente da UPASD, Pr. José Lagoa, fez o Sermão de Dedicção, logo seguido do Ato de Dedicção, pelo Ministerial Pr. Paulo Neves, e da Oração de Dedicção, pelo Presidente da União. Os serviços de adoração encerraram com o hino 506, “Fortalece Tua Igreja” (do *Hinário* já referido), e com a bênção pelo Pr. Paulo Neves.

Às 16 horas, teve início o Programa de Celebração do Centenário da Igreja de Tomar, no auditório da Biblioteca Municipal. Como anfitrião, o Pr. Yadalzine Lima deu as boas-vindas e orou, sendo seguido pelo coral da igreja de Tomar, que entoou “Somos Teus, Senhor”. A sequência do programa foi apresentada pela jovem Melanie Sofia, que representa o presente e o futuro da igreja, e pelo Pr. Ezequiel Quintino, que representa as memórias do passado no nosso presente. Expressaram-se cumprimentos a todos os presentes, destacando-se a Dra. Rita Freitas (vereadora na Autarquia de Tomar), o Pr. José Lagoa e o Dr. Daniel Simões (Presidente e Tesoureiro da UPASD), o Pr. Paulo Neves (Ministerial), todos os Pastores presentes e todos os familiares de Pastores já falecidos.

Este programa de celebração dos 100 anos de vida da IASD de Tomar foi de ação de graças a Deus por tudo o que Ele fez, inspirando homens e mulheres que dedicaram a vida no serviço pela causa da salvação. O louvor expressou-se através de palavras, canto e música instrumental. Várias igrejas uniram-se no louvor: Sertã, Entroncamento, Abrantes, Tomar, e o Quinteto *Fraternus*, de igrejas da Grande Lisboa.

Releva-se ainda a reflexão espiritual do Pr. José Lagoa e o histórico do Centenário da IASD de Tomar em audiovisual. Momentos evocativos de memórias vividas foram aqueles em que se recordaram com emoção os Obreiros e esposas que serviram em Tomar nos 100 anos precedentes. Aos familiares dos Pastores já falecidos e aos Pastores ainda em vida foi-lhes oferecido, como recordação, um acrílico quadrado transparente com o logótipo de comemoração do Centenário da igreja de Tomar. As entidades da Autarquia e da UPASD também foram obsequiadas com um acrílico idêntico.

Expressos os agradecimentos, as palavras finais foram do Pr. Yadalzine Lima e do Dr. Daniel Simões, sendo a última oração proferida pelo Pr. Paulo Neves. O programa foi transmitido pelo *Instagram*: @adventistastomar. Todos os que encheram o auditório da Biblioteca Municipal saíram em convívio de alegria, louvor e gratidão ao Senhor pelas inúmeras bênçãos recebidas. Louvado seja o nosso Deus!

Envolve-se no
PROJETO ESPERANÇA 2024



1,90€

LANÇAMENTO A 23 DE MARÇO





AUTOR:
Roberto Badenas

NOVIDADE!

1º Volume da Coleção *Luminares de Fé*



10€

De todos os encontros, há um que é o mais importante: o encontro com Jesus! Ao longo da História, muitas pessoas encontraram-se com Ele, e isso foi o ponto de viragem na sua vida.

 PUBLICADORA SERVIR

COMPRA *ONLINE* WWW.PSERVIR.PT | LIGUE 21 962 62 00
E-MAIL CLIENTES@PSERVIR.PT |  +351 925 896 870